

MAURICIO MATOS

(PREFÁCIO, ORGANIZAÇÃO E NOTAS)

**O ENTENDIMENTO
DE MEUS VERSOS**

**SONETOS ATRIBUÍDOS A LUÍS DE
CAMÕES ENTRE 1595 E 1616**



**O ENTENDIMENTO
DE MEUS VERSOS**

**SONETOS ATRIBUÍDOS A LUÍS DE
CAMÕES ENTRE 1595 E 1616**

Governo do Estado do Amazonas

Wilson Miranda Lima
Governador

Universidade do Estado do Amazonas

André Luiz Nunes Zogahib
Reitor

Kátia do Nascimento Couceiro
Vice-Reitora

*editora*UEA

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstmann
Diretora

Maria do Perpetuo Socorro Monteiro de Freitas
Secretária Executiva

Wesley Sá
Editor Executivo

Raquel Maciel
Produtora Editorial

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstmann (Presidente)

Allison Marcos Leão da Silva

Almir Cunha da Graça Neto

Erivaldo Cavalcanti e Silva Filho

Jair Max Furtunato Maia

Jucimar Maia da Silva Júnior

Manoel Luiz Neto

Mário Marques Trilha Neto

Silvia Regina Sampaio Freitas

Conselho Editorial

MAURICIO MATOS

(PREFÁCIO, ORGANIZAÇÃO E NOTAS)

**O ENTENDIMENTO
DE MEUS VERSOS**

**SONETOS ATRIBUÍDOS A LUÍS DE
CAMÕES ENTRE 1595 E 1616**



editora
UEA

Wesley Sá
Coordenação Editorial

Iasmim Rodrigues
Loredane Queiroz
Samara Nina
Projeto Gráfico

Loredane Queiroz
Diagramação

André Teixeira
Marcelo Coelho
Sindell Amazonas
Revisão

Loredane Queiroz
Raquel Maciel
Finalização

Adaptação da capa de *Rhythmas de Luís de Camões: divididas em cinco partes* (1595)
Ilustração da capa

Todos os direitos reservados © Universidade do Estado do Amazonas
Permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte

Esta edição foi revisada conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

M425e
2023

O entendimento de meus versos: sonetos atribuídos a Luís de Camões entre 1595 e 1616 /
Mauricio Matos.1.ed.– Manaus (AM): editora UEA, 2023.

180 p.: il., color; 21 cm. [E-book]
Formato PDF

ISBN: 978-85-7883-626-9

Inclui referências bibliográficas

1. Sonetos. 2. Literatura brasileira 3. Versos. 4. I. Matos, Mauricio II. Título

CDU 1997-82-193.3

Elaborada pela bibliotecária Sheyla Lobo Mota-11/CRB 484

Editora afiliada:



editoraUEA

Av. Djalma Batista, 3578 – Flores | Manaus – AM – Brasil
CEP 69050-010 | +55 92 38784463
editora.uea.edu.br | editora@uea.edu.br

à memória de meu pai,
José Mauro Matos
(1948-2023)

Prefácio	<u>7</u>
Sonetos atribuídos a Luís de Camões entre 1595 e 1616	<u>17</u>
Paratextos publicados nas <i>Rhythmas</i> de Luís de Camões (Lisboa, 1595)	<u>155</u>
Referências	<u>177</u>
Sobre o autor	<u>179</u>

PREFÁCIO

FERNÃO RODRIGUES LOBO SOROPITA, EDITOR DE
LUÍS DE CAMÕES

Lisboa, 1595. Saem da oficina de Manoel de Lira, “impressas com licença do supremo Conselho da geral Inquisição”, “à custa de Estêvão Lopes, mercador de livros”, e por este “dirigidas ao muito ilustre senhor Dom Gonçalo Coutinho”, as *Rhythmas* de Luís de Camões, “divididas em cinco partes”, quinze anos após a data em que, segundo se supõe, o poeta teria morrido (CAMÕES, 1595, s/p).

Na licença do Santo Ofício, o censor Manoel Coelho não apenas explica que os vocábulos pagãos, referentes a deuses greco-latinos, tão recorrentes no renascimento literário português, são alegorias poéticas – como já o fizera o tão louvado Bertolameu Ferreira, primeiro censor d’*Os Lusíadas* (Lisboa, 1572) –, mas chega a justificar a presença destes mesmos deuses – Fortuna e Amor aparecem já no primeiro poema do livro – afirmando que, por exemplo, o “vocábulo *deuses* é usado na Sagrada Escritura a cada passo”, “Fado se admite na teologia, como se pode ver em São Tomás [de Aquino]” (CAMÕES, 1595, s/p), e segue dando exemplos para tornar lícita sua própria licença para a publicação de um livro, afinal, exceto por “Sobre os rios...”, talvez, muito pouco cristão.

No fólho seguinte (igualmente sem numeração), ornado por uma bela capitular, encontra-se o alvará do rei permitindo a publicação

da poesia lírica de Camões, com a data, todavia, de 30 de dezembro de 1595, o que indica que, pelo menos oficialmente, o livro apenas começaria a circular no ano seguinte, em 1596, portanto, como já apontara Jorge de Sena em seu *Os sonetos de Camões* (SENA, 1981).

Depois da dedicatória a Dom Gonçalo Coutinho, assinada por Estêvão Lopes, e de três poemas em louvor de Camões – respectivamente, um epigrama de Manuel Sousa Coutinho, que viria a ser o notório Frei Luís de Sousa, um soneto de Luís Franco, o proprietário do célebre cancionero quinhentista, e outro de Diogo Bernardes, poeta veterano de Alcácer-Quibir – seguem-se a “Errata” e, depois desta, mais dois sonetos em homenagem a Camões – um de Francisco Lopes, outro de Diego Taborda Leitão (CAMÕES, 1595, s/p).

No fólio seguinte, estampa-se o erudito “Prólogo aos leitores” (CAMÕES, 1595, s/p), então, anônimo, identificado apenas em sua reimpressão de 1616, por Domingos Fernandes, como sendo da autoria de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, nas palavras de Jorge de Sena, “o primeiro crítico [de Camões], e o primeiro a preocupar-se com as questões de autoria e de texto, na sua introdução à primeira edição das *Rimas*” (SENA, 1980, p. 11).

Como se pode perceber, muito pouco ou quase nada se sabe sobre a edição de 1595, melhor ou pior do que as seguintes, a primeira edição das *Rimas* de Camões.

Quase quatro séculos depois, pesquisando na Biblioteca Nacional de Lisboa, Emmanuel Pereira Filho percebe a importância de um manuscrito encadernado junto com um exemplar das *Rhythmas* de Camões, de 1595. Não se tratou propriamente de uma descoberta, como se pode pensar à primeira vista, pois o próprio pesquisador não desconhecia que outros tinham utilizado já o manuscrito, sem lhe dar, todavia, o devido valor:

As mais antigas referências a este códice, ao que parece, datam do século passado [século dezenove]. São as que faz Teófilo Braga, em lacônicas notas de rodapé, aproveitando epígrafes não acolhidas em edições impressas, ao editar as *Obras completas* de Camões (três volumes, Porto, 1873-

1874). Já neste século [século XX], em notas às *Rimas* do poeta, o professor Álvaro Júlio da Costa Pimpão (Coimbra, 1953), também para o fim de recolher epígrafes, torna a mencioná-lo. E mais recentemente, o professor Antônio Salgado Júnior chega mesmo a aproveitar uma ou duas lições aqui encontradas, na edição que preparou da *Obra completa* de Luís de Camões (PEREIRA FILHO, 1963, p. 215).

Portanto, será apenas Emmanuel Pereira Filho quem perceberá que este “códice apenso ao exemplar da edição de 1595 das *Rhythmas* de Luís de Camões (Cam-10-P) da Biblioteca Nacional de Lisboa” é um estudo preliminar para preparação da segunda edição da poesia lírica de Camões, em Lisboa, 1598. Emmanuel Pereira Filho perceberá – e será esta a sua grande descoberta – que os poemas contidos no manuscrito apenso à edição de 1595 somados aos contidos nesta mesma edição resultam na quase totalidade do material presente na segunda edição (aumentada), de 1598, também custeada por Estêvão Lopes.

De 1595 a 1598, como se sabe, algumas modificações editoriais são perceptíveis: a começar pelo título que em 1598 passa a ser grafado em português, passando pela supressão dos poemas laudatórios, pela redução da dedicatória a Dom Gonçalo Coutinho, pela reordenação e rediagramação dos poemas etc. Além disso, Estêvão Lopes substituiu o “Prólogo aos leitores” de Fernão Rodrigues Lobo Soropita por um de sua autoria, que, contudo, de prólogo tem muito pouco. Enquanto Soropita comentara em pormenores os critérios através dos quais havia estabelecido a primeira edição das *Rimas* de Camões, Estêvão Lopes restringiu-se a apresentar o livro como uma edição aumentada e melhorada, e o fez, todavia, como quem apresenta um produto e não o resultado de um criterioso trabalho editorial.

Esta postura é verificável, ainda, na reordenação dos sonetos. Soropita, em seu prólogo, justifica que os sonetos ocupam a primeira das cinco partes de que é composto o livro por serem um gênero de composição em que o autor tem que fechar o raciocínio proposto em quatorze versos, sem que nada falte para completar o entendimento do leitor, constituindo, portanto, uma forma poética mais concisa e medida:

Se deu a primeira parte aos sonetos por ser composição de mais merecimento, por causa das dificuldades dela, assim em não admitir nenhuma palavra ociosa, nem de pouca eficácia, como em haver de cercar toda a matéria dele dentro no limite de quatorze versos, fechando o último terceto de maneira que não fique ao entendimento desejo de passar avante (CAMÕES, 1595, s/p).

Estêvão Lopes, sem justificar nada, manteve o conjunto dos sonetos como primeira parte do livro. Todavia, alterou-lhes a ordem, ao que parece, arbitrariamente: entre o segundo e o terceiro sonetos de 1595, Estêvão Lopes inseriu outros oito, contidos no *Manuscrito apenso*. Se for levado em conta o caráter de seu prólogo, poder-se-á concluir que, procedendo desta forma, Lopes estaria assegurando ao comprador tratar-se do mesmo livro de 1595, já que manteve os dois primeiros sonetos, mas o mesmo livro melhorado e ampliado, já que modificou suas lições e “empurrou” o terceiro soneto oito posições adiante.

Esta ordenação, de 1598, tem sido mantida até hoje em algumas das edições consideradas mais relevantes da lírica de Camões. Há outras, igualmente importantes, que, todavia, utilizam critérios de ordenação temática, o que imprime uma subjetividade excessiva ao texto alheio, ou alfabética pelos *incipit*, o que reduz o livro a pouco mais que um índice de primeiros versos, coisa que não existia na produção editorial do século XVI.

Como se vê, depois de Estêvão Lopes, muito pouca atenção se tem prestado ao fato de que as *Rimas* de Camões são um livro, e que a sequência de seus poemas não deve ser aleatória. Não há de ter sido por acaso que, para abrir a quinta parte das *Rhythmas* de 1595, Soropita tenha escolhido justamente as redondilhas de “Sobre os rios...”, segundo Cleonice Berardinelli, o ponto mais alto das obras da medida velha.¹

Para a organização das *Rimas* de 1598, Estêvão Lopes possuía, pelo menos, um exemplar da edição de 1595 e o manuscrito que seria

1 “Difícilmente se poderia estabelecer o ponto mais alto das obras da ‘medida nova’, enquanto que ninguém hesitaria em afirmar que a ‘medida velha’ o encontra nas redondilhas de ‘Sobre os rios’ [...]” (BERARDINELLI, 2000, p. 203).

encadernado apenso ao mesmo, respectivamente, as *Rhythmas* e o *Appendix rhythmarum*, como lhe chamaria Emmanuel Pereira Filho.

No livro, depois do prólogo de Soropita, estampam-se, destacados por molduras, os três primeiros sonetos, um por fôlio: “Enquanto quis Fortuna que tivesse”, “Eu cantarei de amor tão docemente” e “Tanto de meu estado m’acho incerto” (CAMÕES, 1595, v. 1), realizando semanticamente uma possível trilogia introdutória ao livro. Aos dois primeiros, mantidos em suas posições originais por Estevão Lopes e, como já ficou dito, pela grande maioria dos editores considerados relevantes da lírica de Camões, Wilhelm Storck, em sua tradução para o alemão dará os títulos “Aos leitores” e “Da matéria da poesia”, respectivamente. O caráter introdutório deste par de sonetos parece indiscutível desde o século XVI. Nos tercetos de “Enquanto quis Fortuna que tivesse” (CAMÕES, 1595, fo. 1),

Ó vós, que Amor obriga a ser sujeitos
A diversas vontades, quando lerdes
Num breve livro casos tão diversos,

Verdades puras são, e não defeitos. [,]

o vocativo já justificaria o título dado por Storck: “Ó vós” que “lerdes” = “Ó vós”, “leitores”. Além disso, é a única vez em que o substantivo *livro* aparece num soneto de 1595, o que também contribui para atestar o seu caráter introdutório. Sobre este ponto, afirma Cleonice Berardinelli, em nota:

Segundo o *Índice analítico do vocabulário dos sonetos da 1ª edição (1595)* das *Rhythmas de Camões*, de Antônio Geraldo da Cunha (Rio de Janeiro: Lucerna, 1995), o substantivo “livro” não aparece em nenhum dos outros sonetos senão neste, talvez o único indício, da pena do próprio Poeta, de que ele tivesse em vida a consciência de ter um “breve livro” de versos líricos, além d’*Os Lusíadas* – o que ilustra a minha convicção de que foi sábia a sua colocação à entrada do volume (BERARDINELLI, 2000, p. 161).

Outros elementos caracterizam, ainda, o soneto como introdutório, e certamente a referência à própria escrita feita no passado será um destes. O primeiro quarteto revela-o:

Enquanto quis Fortuna que tivesse
Esperança de algum contentamento
O gosto de um suave pensamento
Me fez que seus efeitos escrevesse,

onde se pode perceber que o que ficou escrito foram os “efeitos” do “gosto de um suave pensamento”.

No último quarteto de “Eu cantarei de amor tão docemente” (CAMÕES, 1595, v. 1), dirigindo-se à Senhora, sua mais freqüente interlocutora, confessa o poeta que “para cantar de vosso gesto/ A composição alta e milagrosa, / Aqui falta saber, engenho e arte”. Será, todavia, esta Senhora, que o poeta cantará “de amor tão docemente”, a matéria-prima de sua poesia lírica; bem como será, ao gosto do tradicional “desavir-se consigo”, uma longa enumeração de “efeitos”, provocados pelo mais superficial contato com esta sua Senhora, o terceiro soneto de 1595:

Tanto de meu estado m’acho incerto
Que, em vivo ardor, tremendo estou de frio,
Sem causa, juntamente, choro e rio,
O mundo todo abarco, e nada aperto.

É tudo quanto sinto um desconcerto,
Da alma um fogo me sai, da vista um rio,
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao Céu voando,
Numa hora acho mil anos, e é de jeito
Que em mil anos não posso achar uma hora.

Se me pergunta alguém por que assim ando,
Respondo que não sei, porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora (CAMÕES, 1595, fol. 2).

Da mesma forma, o primeiro soneto do *Manuscrito apenso*, ou *Appendix rhythmarum*, apresenta igualmente caráter introdutório: assim como “Enquanto quis Fortuna que tivesse”, “Com grandes esperanças já cantei” também faz referência no passado à própria escrita, perceptível desde o *incipit*, como se vê. Em ambos é de notar-se, ainda, a escrita condicionada à esperança e a esperança tida como coisa já perdida:

Com grandes esperanças já cantei,
Com que os deuses no Olimpo conquistara,
Depois vim a chorar porque cantara,
E agora choro já, porque chorei
(CAMÕES *apud* PEREIRA FILHO, 1974, p. [1]).

Ainda, no segundo soneto do *Manuscrito apenso*, “Depois que quis Amor que eu só passasse”, são a Fortuna e o Amor os tiranos do poema, bem como no primeiro soneto de 1595, “Enquanto quis Fortuna que tivesse”. Logo, pode-se concluir que os sonetos da primeira edição, assim como os do *Manuscrito apenso* a esta, têm uma ordenação lógica e não arbitrária.

Emmanuel Pereira Filho considera que as *Rhythmas* de 1595 e o *Manuscrito apenso* sejam dois livros independentes, o que converge com o que aqui está sendo apresentado. Para Emmanuel Pereira Filho, o *Manuscrito apenso* “foi elaborado com o intuito exclusivo de integrar-se” às *Rhythmas* de 1595, “como um acréscimo, sim, mas num todo uno e indivisível” (1974, p. 222), o que põe em xeque a iniciativa do editor de 1598 – tenha sido Estêvão Lopes ou não – de misturar os sonetos de 1595 aos do *Manuscrito apenso*.

Ainda, segundo Emmanuel Pereira Filho, “não é preciso refletir muito para notar que o copista [do *Manuscrito apenso*] acompanhou a estrutura que Soropita adotara em 1595, aliás também em cinco partes” (1974, p. 320), e acrescenta:

Uma palavra ainda acerca desse não identificado autor do códice, que não devia ser, e certo é que não foi, um calígrafo qualquer. Um pressuposto pelo menos militava

em favor disso. Estêvão Lopes soubera muito bem escolher para compilador do que seria a edição de 1595 um [Fernão Rodrigues] Lobo Soropita; e por sinal que nem assim ficara plenamente satisfeito. Não seria, portanto, para a de 1598, menina de seus olhos, que ele queria ampliada e melhorada, que iria buscar pelas sarjetas o primeiro que passasse (PEREIRA FILHO, 1974, p. 240).

Nota-se, portanto, o quanto Emmanuel Pereira Filho estimava o trabalho de Soropita. Neste passo, cabe uma questão: por que, diante do exposto, não considerar a hipótese de ter sido o próprio Soropita o compilador e organizador do *Manuscrito apenso*? A resposta é simples: ao fim da compilação há as letras I. S. M., e Emmanuel Pereira Filho julgou precipitadamente serem estas as iniciais do compilador do manuscrito, o que obviamente eliminava a hipótese de ter sido Fernão Rodrigues Lobo Soropita. Contudo, I. S. M. são as iniciais de *Iesus Salvator Mundi* (“Jesus, Salvador do Mundo”), e inseri-las ao fim de uma obra era um procedimento bastante comum no século XVI. Por outro lado, o que não seria comum, sequer natural, seria o compilador de um códice de poemas camonianos inserir as próprias iniciais ao fim de sua compilação, como se assinasse o texto.

Além deste equívoco, o prólogo de Estêvão Lopes que, de 1595 para 1598, substituiu o de Soropita sugere que também o compilador tivesse sido substituído. Todavia, segundo cálculos de Jorge de Sena, a edição *princeps* da lírica de Camões, como já ficou dito, “foi impressa durante o ano de 1595; [...] aguardou a impressão da folha em que vem a licença real concedida no penúltimo dia deste ano; [...] foi depois ultimada para publicação; e [...] esta não pode ter-se dado antes de fins de Janeiro ou em Fevereiro do ano seguinte”, ou seja, em 1596, quando teria começado a circular, “se não mais tarde”, acrescenta Jorge de Sena. Sobre a segunda edição, diz:

Usando o mesmo alvará real, mas requerendo nova licença que foi concedida em 8 de Maio de 1597 (porque o livro trazia muita matéria nova, tinha de requerê-la, e não apenas de submetê-lo a verificação), Estêvão Lopes publicou, com

data de 1598, uma reedição das *Rimas* (a pedantaria titular da 1ª edição desaparecera, e com ela o prólogo crítico mais tarde atribuído a Soropita).

Finalmente, conclui Jorge de Sena,

O curtíssimo prazo entre a 1ª e a 2ª edição das *Rimas* aponta, por certo, para o êxito excepcional do livro. Mas não só para isso. O êxito desencadeou sem dúvida uma chuva de inéditos, na posse de colecionadores, e uma agitação suficiente para, no prazo de um ano, ter sido possível a Estêvão Lopes apresentar à Censura um volume que aumentava de 40% as espécies atribuídas a Camões (SENA, 1981, p. 35-37).

Portanto, se Jorge de Sena tivesse conhecimento dos estudos de Emmanuel Pereira Filho sobre o *Manuscrito apenso*, teria atribuído este período curtíssimo como limite para a compilação dele, o que somaria mais um elemento à hipótese de ter sido Fernão Rodrigues Lobo Soropita o compilador anônimo do *Manuscrito apenso*, tendo em vista a semelhança estrutural, já apontada, entre a organização das *Rhythmas* e do *Appendix rhythmarum*. Falta apenas um exame paleográfico entre o *Manuscrito apenso* e algum texto de Fernão Rodrigues Lobo Soropita para atestar ou refutar esta hipótese, definitivamente.

Reunimos, no presente volume, os sonetos que foram editorialmente atribuídos a Luís de Camões desde 1595 – ou seja, quinze anos após sua morte – até 1616, quando o Prólogo de Fernão Rodrigues Lobo Soropita lhe foi devidamente conferido em sua primeira reprodução. A segunda é a presente, que fecha este volume.

Os sonetos, a parte mais polêmica da obra de Luís de Camões, foram organizados de acordo com a ordenação das *Rhythmas* de 1595 – mas que começaram a circular apenas em 1596, como foi visto –, do *Manuscrito apenso* (com data conjecturada) e das *Rimas: segunda parte* de 1616. A numeração segue a de 1595, salvo quando, na mesma,

alguma é saltada ou algum soneto é indevidamente incluído. Por este motivo, não foi indicada a numeração desta edição, como adiante se verá, a não ser em notas. Indicam-se por sonetos A e B quando, em 1595, encontrarem-se estampados no mesmo fólio. Com esta reunião, compreendem-se os 30 primeiros anos dos estudos camonianos.

Os sonetos do *Manuscrito apenso* e de 1616 estão identificados conforme sua mais antiga procedência, ao lado dos *incipit*, à direita. Todas as transcrições editoriais foram feitas, diplomaticamente, de acordo com sua mais antiga lição. Foram mantidos os arcaísmos possíveis, porém grafados em itálico. Pontuou-se à moderna, com parcimônia. Ao final, foi reunida a transcrição dos paratextos da edição de 1595.

**SONETOS ATRIBUÍDOS A
LUÍS DE CAMÕES ENTRE
1595 E 1616**

1. Enquanto quis Fortuna que tivesse

[Fólio 01 retro]

Enquanto quis Fortuna que tivesse

Esperança de algum contentamento,
O gosto de um suave pensamento
Me fez que seus avisos escrevesse.

Porém, temendo Amor que aviso desse

Minha escritura a algum juízo isento,
Escureceu-m’o engenho *co* tormento,
Pera que seus enganos não dissesse.

Ó vós, que Amor obriga a ser sujeitos

A diversas vontades, quando lerdos
Num breve livro casos tão diversos,

Verdades puras são, e não defeitos;

E sabeis que, segund’o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

Obs.: Em 1595, os sonetos são estampados quatro por fólio, dois retro, dois verso, à exceção dos três primeiros e dos números 30 (“Um mover d’olhos, brando e *piadoso*”), 31 (“Tomou-me vossa vista soberana”), 36 (“Quantas vezes, do fuso, se esquecia”), 37 (este numerado equivocadamente, em 1595, como XXXIX, “Lindo e sutil *trençado*, que ficaste”), 42 (“Se *algũa* hora, em vós, a piedade”), 43 (“Oh, como se me alonga, de ano em ano”) e do 53 ao 62, todos adornados por moldura e impressos em itálico.

2. Eu cantarei de amor tão docemente

[Fólio 01 verso]

Eu cantarei de amor tão docemente,
Por uns termos em si tão concertados,
Que *dous* mil acidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente.

Farei que amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ousadia e pena ausente.

Também, Senhora, do desprezo honesto
De vossa vista branda e rigorosa,
Contentar-m'-ei dizendo a *menos* parte.

Porém, *pera* cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa,
Aqui falta saber, engenho e arte.

3. Tanto de meu estado m'acho incerto

[Fólio 02 retro]

Tanto de meu estado m'acho incerto,
Que, em vivo ardor, tremendo estou de frio,
Sem causa, juntamente, choro e rio,
O mundo todo abarco e nada aperto.

É tudo quanto sinto, um desconcerto,
D'alma, um fogo me sai, da vista, um rio,
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao Céu, voando,
Num'hora, acho mil anos, e é de jeito
Que em mil anos não posso achar hum'hora.

Se me *pregunta* além por que *assi* ando,
Respondo que não sei, porém suspeito,
Que só porque vos vi, minha Senhora.

4. Transforma-se o amador na coisa amada

[Fólio 02 verso – soneto A]

Transforma-se o amador na coisa amada,
Por virtude do muito imaginar.
Não tenho logo mais que desejar,
Pois, em mim, tenho a parte desejada.

Se nela está minh'alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si, somente, pode descansar,
Pois consigo tal alma está *liada*.

Mas, esta linda e pura *semideia*²
Que, como um acidente em seu sujeito,
Assi, *coa* alma minha, se conforma,

Está no pensamento, como ideia.
O vivo e puro amor, de que sou feito,
Como a matéria simples, busca a forma.

2 No original, *semideia*. Atualizou-se a forma, seguindo a forma *ideia*, que com *semideia* irá formar rima consonante.

5. Passo por meus trabalhos tão isento

[Fólio 02 verso – soneto B]

Passo por meus trabalhos tão isento

De sentimento, grande nem pequeno,
Que só *pola* vontade com que peno
Me fica Amor devendo mais tormento.

Mas, vai-me Amor matando, tanto a tento,
Temperando a triaga *co* veneno,
Que, do penar, a ordem desordeno,
Porque não mo consente o sofrimento.

Porém, se esta fineza o Amor sente

E pagar-me meu mal, com mal, pretende,
Torna-me, com prazer, como, ao sol, neve.

Mas, se me vê *cos* males tão contente,

Faz-se avaro da pena, porque entende
Que, quanto mais me paga, mais me deve.

6. Em flor, vos arrancou de, então, crescida **[Fólio 03 retro – soneto A]**

Em flor, vos arrancou de, então, crescida
 (Ah! Senhor, dom Antônio!) a dura sorte,
 Donde, fazendo, andava o braço forte,
 A fama dos antigos, esquecida.

Õa só razão tenho conhecida,
 Com que tamanha mágoa se conforte,
 Que, pois no mundo havia honrada morte,
 Que não podíeis ter mais larga a vida.

Se meus humildes versos podem tanto,
 Que, *co* desejo meu, se iguale a arte,
 Especial matéria me sereis

E, celebrado em triste e longo canto,
 Se morrestes nas mãos do fero Marte,
 Na memória das gentes vivereis.

7. Num jardim adornado de verdura

[Fólio 03 retro – soneto B]

Num jardim adornado de verdura,
A que esmaltam, por cima, várias flores,
Entrou, um dia, a deusa dos amores
Com a deusa da caça e da espessura.

Diana tomou logo *ũa* rosa pura,
Vénus, um roxo lírio dos melhores;
Mas excediam muito, às outras flores,
As violas, na graça e *fermosura*.

Preguntaram a Cupido, que ali estava,
Qual daquelas três flores tomaria,
Por mais suave, pura e mais *fermosa*.

Sorrindo-se, o menino lhe[s] tornava:
– Todas *fermosas* são, mas eu queria
Viol’antes que lírio, nem que rosas.

8. Todo o animal da calma repousava

[Fólio 03 verso – soneto A]

Todo o animal da calma repousava,
Só Liso o ardor dela não sentia,
Que o repouso do fogo em que ardia
Consistia na ninfa que buscava.

Os montes, parecia que abalava,
O triste som das mágoas que dizia,
Mas, nada, o duro peito comovia,
Que na vontade d'outrem posto estava.

Cansado já de andar *pola* espessura,
No tronco *dũa* faia, por lembrança,
Escreve estas palavras de tristeza:

– Nunca ponha ninguém sua esperança
Em peito feminino, que de natura
Somente em ser mudável tem firmeza.

9. Busque, Amor, novas artes, novo engenho

[Fólio 03 verso – soneto B]

Busque, Amor, novas artes, novo engenho
Para matar-me, e novas esquivações,
Que não pode tirar-me as esperanças,
Que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho,
Vede que perigosas seguranças,
Que não tenho contrastes nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto
Onde esperança falta, lá m'esconde,
Amor, um mal que maltrata e não se vê,

Que dia há que n'alma me tem posto
Um não sei quê, que nasce, não sei onde,
Vem, não sei como, e dói, não sei por quê.

10. Quem vê, Senhora, claro e manifesto

[Fólio 04 verso – soneto A]

Quem vê, Senhora, claro e manifesto,
O lindo ser de vossos olhos belos,
Se não perder a vista só em vê-los,
Já não paga o que deve a vosso gesto.

Este me parecia preço honesto,
Mas eu, por, de *vantagem*, merecê-los,
Dei mais a vida e alma, por querê-los,
Donde já me não fica mais de resto.

Assi, que a vida e alma e esperança
E tudo quanto tenho, tudo é vosso,
E o proveito disso, eu só o levo,

Porqu' é tamanha bem-aventurança
O dar-vos quanto tenho e quanto posso,
Que, quanto mais vos pago, mais vos devo.

11. Quando, da bela vista e doce riso

[Fólio 04 retro – soneto B]

Quando, da bela vista e doce riso,
Tomando estão, meus olhos, mantimento,
Tão elevado, sinto o pensamento,
Que me faz ver, na terra, o paraíso.

Tanto, do bem humano, estou diviso,
Que qualquer outro bem julgo por vento,
Assi que, em caso tal, segundo *sento*,
Assaz de pouco faz quem perde o siso.

Em vos louvar, Senhora, não me fundo,
Porque quem vossas *cousas* claro sente
Sentirá que não pode merecê-las;

Que, tanta estranheza, sois ao mundo,
Que não é d'estrinhar, dama excelente,
Que, quem vos fez, fizesse céu e estrelas.

12. Doces lembranças da passada glória

[Fólio 04 verso – soneto A]

Doces lembranças da passada glória,
Que me tirou Fortuna roubadora,
Deixai-me repousar, em paz, *ũa* hora,
Que comigo ganhais pouca vitória.

Impressa tenho, n'alma, larga história
Deste passado, bem que nunca fora
Ou fora, e não passara, mas já agora,
Em mim, não pode haver mais que a memória.

Vivo, em lembranças, *mouro* d'esquecido
De quem sempre devera ser lembrado,
Se lhe lembrara estado tão contente.

Oh, quem tornar pudera a ser nascido!
Soubera-me lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

13. Alma minha gentil, que te partiste [Fólio 04 verso – soneto B]

Alma minha gentil, que te partiste,
Tão cedo, desta vida descontente,
Repousa, lá no Céu, eternamente
E viva eu, cá na terra, sempre triste.

Se lá no acento eterno, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueça[s] daquele amor ardente
Que já, nos olhos meus, tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Algũa cousa a dor que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo, de cá, me leve a ver-te,
Quão cedo, de meus olhos, te levou.

14. Num bosque que, das ninfas, se habitava [Fólio 05 retro – soneto A]

Num bosque que, das ninfas, se habitava,
Sílvia, ninfa linda, andava um dia.
Subida *nũa* árvore sombria,³
As amarelas flores, apanhava.

Cupido, que ali sempre costumava
A vir passar a sesta à sombra fria,
Num ramo, o arco e as setas que trazia,
Antes que adormecesse, pendurava.

A ninfa, como idôneo tempo vira
Para tamanha empresa, não dilata,
Mas, com as armas, foge ao moço esquivo.

As setas traz nos olhos, com que [a]tira:
Oh pastores, fugi! Que a todos mata
Se não a mim, que, de matar-me, vivo.

3 O verso pode ser contado como hipométrico. A solução encontrada por Cleonice Berardinelli foi antepor a ele a conjunção aditiva *e*. Optou-se, todavia, aqui, pela manutenção do original, sugerindo a leitura de dois hiatos *nũ / a*, como na leitura moderna *nu / ma*, e *a / á*, já que a segunda é tônica, assim: *Su / bi / da / nũ / a / ár / vo / re / som / bri / a*.

15. Os reinos e os impérios poderosos

[Fólio 05 retro – soneto B]

Os reinos e os impérios poderosos,
Que, em grandeza, no mundo, mais cresceram,
Ou, por valor de esforços, floresceram,
Ou, por varões, nas letras, espantosos.

Teve, Grécia, Temístocles famosos,
Os Cipiões, a Roma, engrandeceram,
Doze Pares, a França, glória, deram,
Cides, a Espanha, e Laras belicosos.

Ao nosso Portugal (que agora vemos
Tão diferente de seu ser primeiro),
Os vossos deram honra e liberdade.

E, em vós, grã[o] sucessor e novo herdeiro
Do Braganção estado, há mil extremos,
Iguais ao sangue e mores que a idade.

**16. De vós, me aparto, ó vida! Em tal mudança
[Fólio 05 verso – soneto A]**

De vós me aparto, ó vida! Em tal mudança,
Sinto vivo, da morte, o sentimento,
Não sei *pera* que é ter contentamento,
Se, mais há de perder, quem mais alcança.

Mas dou-vos esta firme segurança,
Que, posto que me mate meu tormento,
Pelas águas do eterno esquecimento,
Segura, passará minha lembrança.

Antes sem vós, meus olhos, se entristeçam,
Que com qualquer *cous'*outra se contente,
Antes os esqueçais, que vos esqueçam.

Antes, nesta lembrança, se atormentem,
Que, com esquecimento, desmereçam
A glória que, em sofrer, tal pena, sentem.

**17. Cara, minha inimiga, em cuja mão
[Fólio 05 verso – soneto B]**

Cara, minha inimiga, em cuja mão
Pôs meus contentamento, a Ventura,
Faltou-te, a ti, na terra, sepultura,
Porque me falte, a mim, consolação.

Eternamente, as água lograrão
A tua peregrina *fermosura*,
Mas, enquanto, a mim, a vida dura,
Sempre, viva, em minh'alma, te acharão.

E, se meus *rudos* versos podem tanto,
Que possam prometer-te longa história
Daquele amor, tão puro e verdadeiro,

Celebrada serás, sempre, em meu canto,
Porque, enquanto, no mundo, houver memória,
Será, minha escritura, teu letreiro.

18. Aquela, triste e leda, madrugada
[Fólio 06 retro – soneto A]

Aquela, triste e leda, madrugada
Cheia toda de mágoa e piedade,
Enquanto houver, no mundo *saüdade*,
Quero que seja sempre celebrada.

Ela, só, quando amena e marchetada,
Saía, dando, ao mundo, claridade,
Viu apartar-se d'ũa outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada.

Ela, só, viu as lágrimas em fio,
Que, duns e d'outros olhos, derivadas,
Se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas,
Que poderão tornar, o fogo, frio
E dar descanso às almas condenadas.

19. Espanta crescer tanto o crocodilo ⁴

[Fólio 06 retro – soneto B]

Espanta crescer tanto o crocodilo,
Só por seu acanhado nascimento,
Que, se maior nascera, mais isento
Estivera d'espanto o pátrio Nilo;

Em vão, levantará, meu baixo estilo
Vosso Pontifical novo ornamento,
Pois, no ventre, o imortal merecimento
Vo-lo talhou *pera, depois*, vesti-lo.

Tardou, mais veio, que, a quem mais merece,
Muito mais tarde, vir o prémio, é certo,
E sempre tarda, inda que venha cedo.

Os Céus, que, do primeiro estão mais perto,
Mais de vagar se movem. Quem soubesse,
Trás daquele segredo, este segredo.

4 Soneto 239 de Cleonice Berardinelli, sobre o qual afirma a editora, que segue a edição de 1598 (*Ri*) e não a de 1595 (*Rh*), como era de se esperar: “Este soneto, já apontado no Prólogo de *Rh* como da autoria de Vasco Mousinho [*sic*] de Quevedo, foi excluído de *Ri*, embora permaneça em sua Tabuada. Readmitido por Faria [e Souza], que diz tê-lo encontrado nas obras de Mousinho de Quevedo, figura nas edições dos séculos XVIII e XIX”, como em Juromenha (nº 188) e Teófilo (nº 19). In: *Sonetos de Camões – corpus dos sonetos camonianos*, 1980, p. 297 e 600. Nem o soneto, todavia, nem o suposto autor, Vasco Mouzinho de Quevedo, são mencionados no extenso Prólogo de 1595 (*Rh*), bem como não o são no mirrado Prólogo de 1598 (*Ri*). Ademais, a rima *Nilo / crocodilo* se encontra em *Os Lusíadas*, X, 95, v. 01 e 03, onde participa do mesmo campo semântico do soneto, neste passo, inequivocamente camoniana. Assim, sendo, ao menos no século XVI, este belo soneto permanece camoniano.

20. Se, quando vos perdi, minha esperança

[Fólio 06 verso – soneto A]

Se, quando vos perdi, minha esperança,
A memória perdera juntamente
Do doce bem passado e mal presente,
Pouco sentira a dor de tal mudança.

Mas Amor, em quem tinha confiança,
Me representa mui miudamente
Quantas vezes me vi ledado e contente
Por me tirar a vida esta lembrança.

De *cousas* que não havia sinal
Por as ter postas já em esquecimento,
Destas me vejo agora, perseguindo.

Ah, dura estrela minha! Ah, grão tormento!
Que mal pode ser mor que, no meu mal,
Ter lembranças do bem qu' é já perdido?

21. Em *fermosa* Letéia se confia

[Fólio 06 verso – soneto B]

Em *fermosa* Leteia se confia

Por onde vaidade tanta alcança,
Que, tornada em soberba, a confiança,
Com os deuses celestes, competia.

Porque não fosse avente esta ousadia

(Que nascem muitos erros da tardança),
Em efeito, puseram a vingança,
Que tamanha *doudice* merecia.

Mas Oleno – perdido por Leteia,

Não lhe sofrendo amor que suportasse
Castigo duro tanta *fermosura* –

Quis padecer, em si, a pena alheia,

Mas, porque a morte, amor não apartasse,
Ambos tornados são em pedra dura.

22. Males que, contra *mi*, vos conjurastes

[Fólio 07 retro – soneto A]

Males que, contra mi, vos conjurastes,
Quanto há de durar tão duro intento?
Se dura, porque dura meu tormento,
Baste-vos quanto já me atormentastes.

Mas, se *assi* porfiaís, porque cuidastes
Derrubar meu tão alto pensamento?
Mais pode a causa dele, em que o sustento,
Que vós, que dela mesma o ser tomastes.

E, pois, vossa tenção – com minha morte,
Há de acabar o mal destes amores –
Dai já fim a um tormento tão comprido,

Porque, d'ambos contentes, seja a sorte:
Vós, porque me acabastes, vencedores;
E eu, porque acabei, de vós, vencido.

23. Está-se a Primavera trasladando

[Fólio 07 retro – soneto B]

Está-se a Primavera trasladando,
Em vossa vista, deleitosa e honesta,
Nas lindas faces, olhos, boca e testa,
Boninas, lírios, rosas debuxando.

De sorte, vosso gesto matizando
Natura, quanto pode, manifesta,
Que o monte, o campo, o rio e a floresta
Se estão, de vós, Senhora, namorando.

Se, agora, não quereis que quem vos ama
Possa colher o *fruto* destas flores,
Perderão, toda a graça, vossos olhos.

Porque pouco aproveita, linda dama,
Que semeasse, Amor, em vós, amores,
Se vossa condição *produze* abrolhos.

24. Sete anos de pastor Jacob servia

[Fólio 07 verso – soneto A]

Sete anos de pastor Jacob servia

Labão, pai de Raquel, serrana bela,
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela, só por prêmio, pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,

Passava contentando-se com vê-la;
Porém, o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel, lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que, com enganos,

Lhe fora *assi* negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,

Começa de servir outros set'anos,

Dizendo: – Mais servira, se não fora,
Para tão longo amor, tão curta vida.

25. Está o lascivo e doce passarinho [Fólio 07 verso – soneto B]

Está o lascivo e doce passarinho,
Com o biquinho, as penas ordenando,
O verso, sem medida, alegre e brando,
Expedindo no rústico raminho.

O cruel caçador (que, do caminho,
Se vem calado e manso, desviando),
Na pronta vista, a seta endireitando,
Lhe dá, no Estígio lago, eterno ninho.

Destarte, o coração, que livre andava
(Posto que, já de longe, destinado),
Onde menos temia, foi ferido.

Porque o *frecheiro* cego m'esperava,
Pera que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos, escondido.

26. Pede-me o desejo, dama, que vos veja
[Fólio 08 retro – soneto A]

Pede-me o desejo, dama, que vos veja.
Não entende o que pede, está enganado.
É este amor tão fino e tão delgado,
Que quem o tem não sabe o que deseja.

Não há *cousa* a qual natural seja
Que não queira perpétuo seu estado,
Não quer logo o desejo o desejado,
Porque não falte nunca onde sobeja.

Mas este puro *afeito*, em mim, se dana,
Que, como a grave pedra tem por arte
O cento desejar da natureza,

Assi o pensamento (pola parte
Que vai tomar de mim, terrestre, humana)
Foi, Senhora, pedir esta baixeza.

27. Por que quereis, Senhora, que ofereça
[Fólio 08 retro – soneto B]

Por que quereis, Senhora, que ofereça
A vida a tanto mal, como padeço?
Se vos nasce do pouco que mereço,
Bem por nascer está quem vos mereça.

Sabei que, enfim, por muito que vos peça,
Que posso merecer quanto vos peço,
Que não consent'amor que, em baixo preço,
Tão alto pensamento se conheça.

Assi, que a paga igual de minhas dores
Com nada se restaura, mas *devês*-ma
Por ser capaz de tantos desfavores.

E, se o valor de vossos servidores,
Houver de ser igual convosco mesma,
Vós só, convosco mesma, andai d'amores.

28. Se tanta pena tenho merecida

[Fólio 08 verso – soneto A]

Se tanta pena tenho merecida

Em pago de sofrer tantas durezas,
Provai, Senhora, em mim, vossas cruezas,
Que, aqui, tendes *ũa* alma oferecida.

Nela *experimentai*, se sois servida,

Desprezos, desfavores e asperezas,
Que mores sofrimentos e firmezas
Sustentarei na guerra desta vida.

Mas, contra vossos olhos, quais serão?

Forçado é que tudo se lhe renda,
Mas porei, por escudo, o coração,

Porque, em tão dura e áspera contenda,

É bem que – pois não acho defesa –,
Com me meter nas lanças, me defenda.

29. Quando o Sol encoberto vai mostrando

[Fólio 08 verso – soneto B]

Quando o Sol encoberto vai mostrando,
Ao mundo, a luz quieta e duvidosa,
Ao longo de ãa praia deleitosa,
Vou, na minha inimiga, imaginando.

Aqui, a vi os cabelos concertando;
Ali, *co* a mão na face, tão *fermosa*;
Aqui, falando alegre; ali, *cuidosa*⁵;
Agora, estando queda; agora, andando.

Aqui, esteve sentada; ali, me *vio*⁶,
Erguendo aqueles olhos tão isentos;
Aqui, movida um pouco; ali, segura.

Aqui, se entristeceu; ali, se rio,
Enfim, nestes cansados pensamentos,
Passo esta vida vã, que sempre duro.

Obs.: A excepcional reincidência de arcaísmos presentes em posição de versificação de onde não se pode mover letras para modernizar as palavras talvez possa sugerir a antiguidade deste soneto em relação à produção camoniana. Um cotejo com o *Índice Analítico do Vocabulário d’Os Lusíadas* pode auxiliar no esclarecimento da questão.

5 No original *cudosa*. Provavelmente gralha da edição, pois em 1598 já está a forma *cuidosa*, que, ainda assim, é um arcaísmo.

6 Manteve-se a forma arcaica *vio* para garantir a manutenção da rima com *rio*.

30. Um mover d'olhos, brando e *piadoso*

[Fólio 09 retro]

Um mover d'olhos, brando e *piadoso*

Sem ver de quê, um riso brando e honesto,
Quase forçado, um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria, duvidoso.

Um despejo quieto e vergonhoso,

Um repouso gravíssimo e modesto,
Ûa pura bondade, manifesto
Indício da alma, limpo e gracioso.

Um encolhido ousar, ãa⁷ brandura,

Um medo sem ter culpa, um ar sereno,
Um longo e obediente sofrimento.

Esta foi a celeste *fermosura*

Da minha Circe, e o mágico veneno
Que pode transformar meu pensamento.

Obs.: Em 1595, os sonetos são estampados quatro por fólio, dois retro, dois verso, à exceção deste, do seguinte, dos três primeiros e dos de número 36, 37 (este erroneamente numerado, em 1595, como XXXIX), 42 e 43, todos adornados por moldura e impressos em itálico.

7 Observar reincidência do hiato no artigo indefinido feminino arcaico ãa.

31. Tomou-me, vossa vista soberana

[Fólio 09 verso]

Tomou-me, vossa vista soberana,
Adonde tinha as armas mais à mão,
Por mostrar que, quem busca defesa,
Contra esses belos olhos, que s'engana.

Por ficar, da vitória, mais ufana,
Deixou-me armar primeiro da razão:
Cuidei de me salvar, mas foi em vão,
Que, contra o Céu, não *val* defesa humana.

Mas, porém⁸, se vos tinha prometido,
O vosso alto destino, esta vitória,
Ser-vos, tudo, bem pouco, está sabido,

Que, posto que estivesse apercebido,
Não levais, de vencer-me, grande glória,
Maior a levo, eu, de ser vencido.

Obs.: Em 1595, os sonetos são estampados quatro por fólio, dois retro, dois verso, à exceção deste, do anterior, dos três primeiros e dos de número 36, 37 (este erroneamente numerado, em 1595, como XXXIX), 42 e 43, todos adornados por moldura e impressos em itálico.

8 Cf. “Mas, porém, a que, cuidados”.

32. – Não passes, caminhante! – Quem me chama?

[Fólio 10 retro – soneto A]

- Não passes, caminhante! – Quem me chama?
 - *Õa* memória nova, e nunca ouvida,
Dum que trocou, finita e humana vida,
Por divina, infinita e clara fama.

- Quem é que tão gentil louvor derrama?
 - Quem derramar seu sangue não duvida
Por seguir a bandeira esclarecida
Dum capitão de Cristo, que mais ama.

- Ditoso fim, ditoso sacrifício,
Que, a Deus, se fez, e ao mundo, juntamente,
Apregoando, direi, tão alta sorte

- Mais poderás contar a toda a gente,
Que sempre deu, sua vida, claro indício
De vir a merecer tão santa morte.

**33. *Fermosos* olhos que na idade nossa
[Fólio 10 retro – soneto B]**

Fermosos olhos que, na idade nossa,
Mostrais, do céu, certíssimos sinais,
Se quereis conhecer quanto possais,
Olhai-me a mim, que sou feitura vossa.

Vereis que, de viver, me desapossa
Aquele riso com que a vida dais,
Vereis como, de amor, não quero mais,
Por mais que o tempo corra e o dano possa.

E se, dentro nest'alma, ver quiserdes,
Como num claro espelho, ali vereis
Também a vossa, angélica e serena.

Mas eu cuido que, só por não me verdes,
Ver-vos em mim, Senhora, não quereis,
Tanto gosto levais de minha pena.

34. O fogo, que na branda cera ardia [Fólio 10 verso – soneto A]

O fogo, que na branda cera ardia,
Vendo o rosto gentil que n'alma vejo,
Se ascendeu d'outro fogo do desejo,
Por alcançar a luz que vence o dia.

Como de *dous* ardores se encendia,
Da grande impaciência, fez despejo
E, remetendo com furor sobejo,
Vos foi beijar na parte onde se via.

Ditosa aquela flama, que se atreve
Àpagar seus ardores e tormentos,
Na vista que, do mundo, tremer deve.

Namoram-se, Senhora, os elementos,
De vós, e queima o fogo aquela neve,
Que queima corações e pensamentos.

35. Alegres campos, verdes arvoredos

[Fólio 10 verso – soneto B]

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claras e frescas águas de cristal,
Que, em vós, vos debuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos.

Silvestres montes, ásperos penedos,
Compostos em concerto desigual,
Sabei que, sem licença do meu mal,
Já não podeis fazer meus olhos ledos.

E, pois, me já não vedes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas
Nem águas que, correndo, alegres vem.

Semearei, em vós, lembranças tristes,
Regando-vos com lágrimas saudosas,
E nascerão saudades do meu bem.

36. Quantas vezes, do fuso, se esquecia

[Fólio 11 retro]

Quantas vezes, do fuso, se esquecia,
 Daliana, banhando o lindo seio,⁹
Tantas vezes, de um áspero receio,
 Salteando, Laurénio, a cor perdida.

Ela, que a Sílvia, mais que a si, queria,
 Para podê-lo ver não tinha meio:
Ora, como curara o mal alheio
 Quem o seu mal tão mal curar sabia?

Ele, que viu tão clara esta verdade,
 Com soluços dizia (que a espessura
Comovia, de mágoas, a piedade):

– Como pode a desordem da Natura
 Fazer tão diferentes, na vontade,
A quem fez tão conformes, na Ventura¹⁰?

Obs.: Em 1595, os sonetos são estampados quatro por fólio, dois retro, dois verso, à exceção dos três primeiros e dos de número 30, 31, 36 e 37 (este, erroneamente numerado como XXXIX), todos adornados por moldura e impressos em itálico.

9 No original, a rima *eo* é composta pelas palavras *seo*, *receo*, *meo* e *alheo*, todas atualizadas na presente edição.

10 Com inicial em caixa baixa no original impresso de 1595.

37. Lindo e sutil *trençado*, que ficaste

[Fólio 11 verso]

Lindo e sutil trançado¹¹, que ficaste
Em penhor do remédio que mereço,
Se só contigo, vendo-te, endoudeço,
Que fora *cos* cabelos que apartaste?

Aquelas tranças d'ouro, que ligaste,
Que os raios do sol têm em pouco preço,
Não sei se para engano do que peço,
Se, para me atar, os desataste.

Lindo trançado, em minhas mãos te vejo
E, por satisfação de minhas dores,
Como quem não tem outra, hei de tomar-te;

E, se não for contente meu desejo,
Dir-lhe-ei que, nesta regra dos amores,
Pelo todo, também, se toma a parte.

Obs.: Em 1595, os sonetos são estampados quatro por fólio, dois retro, dois verso, à exceção dos três primeiros e dos de número 30, 31, 36 e este, de número 37, erroneamente numerado como XXXIX, todos adornados por moldura e impressos em itálico.

11 No original impresso de 1595, *trençado*. Porém, a coexistência com *tranças* (v. 5) e *trançado* (v. 11) autoriza a uniformização atualizada.

38. O cisne, quando sente ser chegada

[Fólio 12 retro – soneto A]

O cisne, quando sente ser chegada

A hora que põe termo a sua vida,
Música, com voz alta e *mui* subida,
Levanta, *pola* praia inabitada.

Deseja ter a vida prolongada,

Chorando, do viver, a despedida,
Com grande saüdade da partida,
Celebra o triste fim desta jornada.

Assi, Senhora minha, quando via

O triste fim que davam meus amores,
Estando posto já no extremo fio,

Com mais suave canto e harmonia,

Discantei pelos vossos disfavores
La vuastra falsa fé y el amor mio.

39. Pelos extremos raros que mostrou

[Fólio 12 retro – soneto B]

Pelos extremos raros que mostrou

Em saber Palas, Vénus em *fermosa*,
Diana em casta, Juno em animosa,
Ásia, Europa e Ásia, as adorou.

Aquele saber grande, que ajuntou

Espírito e corpo, em liga generosa.
Esta mundana máquina lustrosa,
De só quatro elementos fabricou.

Mas, mor milagre fez a natureza

Em vós, Senhora, pondo em cada *ũa*
O que por todas quatro repartiu.

A vós, seu resplendor deu Sol e Lua,

A vós, com viva luz, graça e pureza,
Ar, fogo, terra e água, vos serviu.

40. Tomava Deliana, por vingança

[Fólio 12 verso – soneto A]

Tomava Deliana, por vingança

Da culpa do pastor que tanto amava,
Casar com Gil vaqueiro, e em si vingava
O erro alheio e pérfida esquivança.

A descrição segura, a confiança,

As rosas que seu rosto debuxava,
O descontentamento lhas secava,
Que tudo muda *ũa* áspera mudança.

Gentil planta disposta em seca terra,

Lindo *fruto* de dura mão colhido,
Lembranças d'outro amor e fé perjura

Tomaram verdade prado em dura serra,

Interesse enganoso, amor fingido,
Fizeram desditosa a *fermosura*.

41. Grão tempo há já que soube da ventura [Fólio 12 verso – soneto B]

Grão tempo há já que soube da Ventura
A vida que me tinha destinada,
Que a longa experiência da passada
Me dava claro indício da futura.

Amor fero, cruel, Fortuna dura,
Bem tendes vossa força *experimentada*,
Assolai, destruí, não fique nada,
Vingai-vos desta vida qu'inda dura.

Soube Amor, da Ventura, que não a tinha
E, porque mais sentisse a falta dela,
De imagens impossíveis, me mantinha.

Mas, vós, Senhora, pois que minha estrela
Não foi melhor, vivei nesta alma minha,
Que não tem a Fortuna poder nela.

42. Se *algũa* hora, em vós, a piedade

[Fólio 13 retro]

Se *algũa* hora, em vós, a piedade,
De tão longo tormento, se sentira,
Não consentira Amor que me partira
De vossos olhos minha saüdade.

Apartei-me de vós, mas a vontade
Que, pelo natural, n'alma, vos tira,
Me faz crer que esta ausência é de mentira,
Mas inda mal, porém, porque é verdade.

Ir-m'-ei, Senhora, e, neste apartamento,
Tomarão, tristes lágrimas, vingança,
Nos olhos de quem fostes mantimento

E, *assi*, darei vida a meu tormento,
Que, enfim, cá achará, minha lembrança,
Sepultado no vosso esquecimento.

Obs.: Em 1595, os sonetos são estampados quatro por fólio, dois retro, dois verso, à exceção deste, do seguinte, dos três primeiros e dos de número 30, 31, 36, 37 (este erroneamente numerado, em 1595, como XXXIX), todos adornados por moldura e impressos em itálico.

43. Oh, como se me alonga, de ano em ano
[Fólio 13 verso]

Oh, como se me alonga, de ano em ano,
A peregrinação cansada minha!
Como s'encurta e como, ao fim, caminha
Este meu breve e vão discurso humano!

Vai-se gastando a idade e cresce o dano,
Perde-se-me um remédio que inda tinha,
Se, por experiência, se *adevinha*
Qualquer grande esperança é grand'engano.

Corro, após este bem, que não se alcança,
No meio do caminho, me falece,
Mil vezes caio, e perco a confiança.

Quando ele foge, eu tardo; e, na *tardaça*,
Se nos olhos ergo a ver se inda parece,
Da vista se me perde, e da esperança.

Obs.: Em 1595, os sonetos são estampados quatro por fólio, dois retro, dois verso, à exceção deste, do anterior, dos três primeiros e dos de número 30, 31, 36, 37 (este erroneamente numerado, em 1595, como XXXIX), todos adornados por moldura e impressos em itálico.

44. Tempo é já que minha confiança [Fólio 14 retro – soneto A]

Tempo é já que minha confiança
Se desça de *ũa* falsa opinião,
Mas amor não se rege por razão;
Não posso perder logo a esperança,

A vida, *si*, que *ũa* áspera mudança
Não deixa viver tanto um coração.
E eu? Na morte tenho salvação?
Si, mas, quem a deseja, não a alcança.

Forçado é, logo, qu'eu espere e viva!
Ah, dura lei de amor, que não consente
Quietação *nũa* alma que é cativa!

Se hei de viver, enfim, forçosamente,
Pera que quero a glória fugitiva
Dũa esperança vã, que me atormente?

45. Amor, *coa* esperança já perdida
[Fólio 14 retro – soneto B]

Amor, *coa* esperança já perdida,
Teu soberano templo, visitei,
Por sinal do naufrágio que passei,
Em lugar dos vestidos, pus a vida.

Que queres mais de mim, que destruída
Me tens a glória toda que alcancei?
Não cuides de forçar-me, que não sei
Tornar a entrar onde não há saída.

Vês, aqui, alma, vida e esperança,
Despojos doces de meu bem passado,
Enquanto quis aquela que eu adoro.

Nela podes tomar de mim vingança
E, s'inda não estás, de mim, vigado,
Contenta-te *coas* lágrimas que choro.

Obs.: A estrutura sintática do terceto final é semelhante ao do soneto 46, que o sucede.

46. Apolo e as nove musas, *discantando*

[Fólio 14 verso – soneto A]

Apolo e as nove musas, *discantando*

Com a dourada lira, me influíam
Na suave harmonia que faziam,
Quando tomei a pena, começando:

“Ditoso seja o dia e hora, quando
Tão delicados olhos me feriam!
Ditosos os sentidos que sentiam
Estar-se em seu desejo traspassando!”

Assi cantava, quando Amor virou
A roda à Esperança, que corria,
Tão ligeira, que quase era invisível.

Converteu-se-me, em noite, o claro dia
E, se *algũa* esperança me ficou,
Será de maior mal, se for possível.

Obs.: A estrutura sintática do terceto final é semelhante ao do soneto 45, que o antecede.

47. Lembranças saüdosas, se cuidais

[Fólio 14 verso – soneto B]

Lembranças saüdosas, se cuidais

De me acabar a vida neste estado,
Não vivo, com meu mal, tão enganado,
Que não espere, dele, muito mais.

De muito longe, já me costumais

A viver d'algum bem desesperado,
Já tenho, *coa* Fortuna, concertado
De sofrer os trabalhos que me dais.

Atad[a] ao remo tenho a paciência

Pera quantos desgostos der a vida,
Cuide, em quanto quiser, o pensamento.

Que, pois não há'i outra resistência,

Pera tão certa queda da caída,
Aparar-lh'-ei, debaixo, o sofrimento.

48. Apartava-se Nise de Montano

[Fólio 15 retro – soneto A]

Apartava-se Nise de Montano,
Em cuja alma, partindo-se, ficava,
Que o pastor, na memória, a debuxava,
Por poder sustentar-se deste engano.

Pelas praias do Índico Oceano,
Sobre o curvo cajado, se encostava,
E os olhos, pelas águas, alongava,
Que pouco se doíam de seu dano.

Pois, com tamanha mágoa e saüdade,
Dizia: – Quis deixar-me a em que adoro.
Por testemunhas, tomo céu e estrelas,

Mas, se, em vós, ondas, mora piedade,
Levai, também, as lágrimas que choro,
Pois, *assi*, me levais a causa delas.

49. Quando vejo que meu destino ordena
[Fólio 15 retro – soneto B]

Quando vejo que meu destino ordena
Que, por me *exprimentar*, de vós m'aparte,
Deixando, de meu bem, tão grande parte,
Que a mesma culpa fica grave pena,

O duro desfavor que me condena,
Quando, pela memória, se reparte,
Endurece os sentidos, de tal arte,
Que a dor da ausência fica mais pequena.

Pois, como pode ser que, na mudança
Daquilo que mais quero, *estê* tão fora
De me não apartar também da vida?

Eu refrearei tão áspera esquivança,
Porque mais sentirei partir, Senhora,
Sem sentir muito a pena da partida.

50. Depois de tantos dias mal gastados

[Fólio 15 verso – soneto A]

Depois de tantos dias mal gastados,
Depois de tantas noites mal dormidas,
Depois de tantas lágrimas vertidas,
Tantos suspiros vãos. Vãmente dados,

Como não sois vós, já, desenganados,
Desejos, que, de *cousas* esquecidas,
Quereis remediar mortais feridas
Que' amor fez sem remédio, o tempo, os fados?

Se não tivéreis, já, experiência
Das sem-razões d'amor, a quem servistes,
Fraqueza fora, em vós, a resistência.

Mas, pois, por vosso mal, seus males vistes,
Que tempo não curou, nem longa ausência,
Que bem dele esperais, desejos tristes?

51. Naiades, vós, que os rios habitais

[Fólio 15 verso – soneto B]

Naiades, vós, que os rios habitais

Que os saüdosos campos vão regando,
De meus olhos, vereis estar manando,
Outros que, quase aos vossos, são iguais.

Dríades, vós, que as setas atirais,

Os fugitivos cervos derrubando,
Outros olhos vereis que, triunfando,
Derrubam corações que valem mais.

Deixai as aljavas logo, e as águas frias,

E vinde, ninfas minhas, se quereis
Saber como, de uns olhos, nascem mágoas.

Vereis como se passam, em vão, os dias,

Mas não vereis, em vão, que cá achareis
Nos seus, as setas, e nos meus, as águas.

52. Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades

(53: 1595)

[Fólio 16 retro]

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança,
Todo mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente, vemos novidades,
Diferentes, em tudo, da esperança,
Do mal, ficam as mágoas, na lembrança
E, do bem (se algum houve), saüdades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E, enfim, converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz, de mor espanto,
Que não se muda já como soía.

Obs.: Em 1595, os sonetos são estampados quatro por fólio, dois retro, dois verso, à exceção dos três primeiros e dos números 30 (“Um mover d’olhos, brando e *piadoso*”), 31 (“Tomou-me vossa vista soberana”), 36 (“Quantas vezes, do fuso, se esquecia”), 37 (este numerado equivocadamente, em 1595, como XXXIX, “Lindo e sutil *trençado*, que ficaste”), 42 (“Se *algũa* hora, em vós, a piedade”), 43 (“Oh, como se me alonga, de ano em ano”) e do 53 ao 62 (sendo que o 52 é saltado), todos adornados por moldura e impressos em itálico.

53. Se as penas com que Amor tão mal me trata

[Fólio 16 verso]

Se as penas com que Amor tão mal me trata
Permitirem que eu tanto viva delas,¹²
Que veja escuro lume das estrelas
Em cuja vista o meu se ascende e mata.

E se o tempo, que tudo desbarata,
Secar as frescas rosas, sem colhê-las,
Deixando a linda cor das tranças belas
Mudada, de ouro fino, em fina prata,

Também, Senhora, então vereis mudado
O pensamento da aspereza vossa,
Quando não sirva já sua mudança.

Ver-vos-eis suspirar por o passado
Em temo quando escutar se possa
No vosso arrepender minha vingança.

12 Optou-se, neste passo, excepcionalmente, pela lição de Faria e Sousa (1685 e 1688), pois a edição de 1595 traz o seguinte verso: “Quiser que tanto tempo viva delas”.

54. Quem jaz no grã[o] sepulcro, que descreve

(55: 1595)

[Fólio 17 retro]

A sepultura del Rei dom João Terceiro

- Quem jaz no grã[o] sepulcro, que descreve
Tão ilustres sinais no forte escudo?
– Ninguém, que, nisso, enfim, se torna tudo,
Mas foi quem tudo pode e tudo teve.
- Foi rei? – Fez tudo quanto a rei se deve.
Pôs, na guerra e na paz, devido estudo,
Mas quão pesado foi ao mouro *rudo*,
Tanto lhe seja, agora, a terra leve.
- Alexandre, será? – Ninguém se engane,
Que sustentar, mais que adquirir, se estima.
– Será Adriano, grão senhor do mundo?
- Mais observante foi da lei de cima.
É Numa? – Numa, não. Mas é *Joane*
De Portugal Terceiro, sem segundo.

55. Quem pode livre ser, gentil Senhora

(56: 1595)

[Fólio 17 verso]

Quem pode livre ser, gentil Senhora,
Vendo-vos, com juízo sossegado,
Se o menino, de olhos, é privado,
Nas meninas de vossos olhos mora?

Ali manda, ali reina, ali namora,
Ali vive, das gentes venerado,
Que o vivo lume, e o rosto delicado,
Imagens são, nas quais o amor se adora.

Quem vê que, em branca neve, nascem rosas,
Que fios crespos d'ouro vão cercando,
Se, por *antre* esta luz, a vida passa.

Raios d'ouro verá, que as duvidosas
Almas estão no peito traspassando,
Assi como um cristal o sol traspassa.

56. Como fizeste, Pórcia, tal ferida

(57: 1595)

[Fólio 18 retro]

- Como fizeste, Pórcia, tal ferida?
Foi voluntária ou foi por inocência?
 - Mas foi fazer Amor experiência
Se podia sofrer tirar-me a vida.

- E, com teu próprio sangue, te convida
A não pores, à vida, resistência?
 - Ando-me acostumado à paciência,
Porque o temor, a morte, não *impida*.

- Pois, por que comes, logo, fogo ardente,
Se a ferro te costumás? Porque ordena,
Amor, que morra e pene, juntamente.

- E tens a dor do ferro por pequena?
 - *Si*, que a dor consumada não se sente,
E eu não quero a morte sem a pena.

57. De tão divino acento e vós humana

(58 + 59: 1595)

[Fólios 18 verso + 19 retro]

Ao Autor

Quem é este que, na harpa lusitana,
Abate as musas gregas e latinas
E faz que, ao mundo, esqueçam as plautinas
Graças, com graça alegre e lira ufana?

Luís de Camões é, que a soberana
Potência lhe influiu partes divinas,
Por quem espiram as flores e boninas
Da homérica musa italiana.

Se tu, triunfante Roma, este alcançaras,
No teu teatro, e cena luminosa,
Nunca do grã[o] Terêntio te admiravas.

Mas, antes, sem contraste, curiosa
Estava d'ouro, ali, lhe levantaras,
Contente de ventura, a tão ditosa.

Resposta Sua

De tão divino acento e voz humana,
De tão doces palavras peregrinas,
Bem sei que minhas obras não são *dinas*,
Que o rudo engenho meu me desengana.

Mas, de vossos escritos, corre e mana
Licor que vence as águas cabalinas
E convosco, do Tejo, as flores finas
Farão inveja à cópia mantuana.

E, pois, a vós, de si, não sendo avaras,
As filhas de *Mnemósine* *fermosa*,
Partes dadas vos têm ao mundo caras.

A minha musa, e a vossa, tão famosa,
Ambas posso chamar, ao mundo, raras,
A vossa d'alta, a minha d'envejosa.

58. Debaixo desta pedra está metido

(60: 1595)

[Fólio 19 verso]

À sepultura de dom Fernando de Castro

Debaixo desta pedra, está metido,
Das sanguinosas armas, descansado,
O capitão ilustre, assinalado,
Dom Fernando de Castro, esclarecido.

Por todo o oriente tão temido
E, da inveja da fama, tão cantado,
Este, pois, só agora, sepultado,
Está, aqui, já em terra convertido.

Alegra-te, oh! guerreira Lusitânia,
Por este Viriato, que criaste,
E chora-o, perdido, eternamente.

Exemplo toma nisto de Dardânia,
Que, se a Roma, *co* ele, aniquilaste,
Nem por isso Cartago está contente.

59. Que vençais, no Oriente, tantos reis

(61: 1595)

[Fólio 20 retro]

A dom Luís de Ataíde, *Viso Rei*

Que vençais, no Oriente, tantos reis,
Que, de novo, nos deis, da Índia, o estado,
Que escureçais a fama que ganhado
Tinham os que ganharam a infiéis.

Que, do tempo, tendes vencido as leis,
Que tudo, enfim, vençais *co* tempo armado,
Mais é vencer, na pátria, desarmado,
Os monstros e as quimeras que venceis.

E, *assi*, sobre vencerdes tanto *imigo*,
E por armas fazer que, sem segundo,
Vosso nome, no mundo, ouvido seja,

O que nos dá mais nome inda no mundo
É vencerdes, senhor, no reino antigo,
Tantas ingratidões, tão grande inveja.

60. Eu me aparto de vós, ninfas do Tejo

(62: 1595)

[Fólio 20 verso]

Partindo-se pera a Índia

Eu me aparto de vós, ninfas do Tejo,
Quando menos temia esta partida
E, se minh'alma vai, entristecida,
Nos olhos o vereis, com que vos vejo.

Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade que a razão leva vencida,¹³
Asinha darão fim à triste vida,
Se vos não torno a ver, como desejo.

Nunca a noite, entretanto, nunca o dia
Verá, de *mi*, partir vossa lembrança.
Amor, que vai comigo, o certifica.

Por mais que, na tormenta, haja tardança,
Sempre me farão triste companhia,
Saudades do bem, qu', em vós, me fica.

13 “Na edição fac-similada de *Rh* [1595], este verso termina pela palavra *consigo*, riscada à mão e emendada, à margem, para *vencida*. Maria Isabel Cruz (PUEL, p. 175) chama a atenção para este fato. No exemplar da Fac. De Letras da UFRJ, porém, o texto está absolutamente correto” (BERARDINELLI, 1980, p. 593, nota ao soneto 221), assim como na edição fac-similada pela ABL, de 1980.

61. Vossos olhos, Senhora, que competem

(63: 1595)

[Fólio 21 retro – soneto A]

Vossos olhos, Senhora, que competem
Co sol, em *fermosura* e claridade,
Enchem os meus de tal suavidade,
Que, em lágrimas, de vê-los, se derretem.

Meus sentidos vencidos se *sometem*,
Assi, cegos a tanta divindade
E, da triste prisão da escuridade,
Cheios de medo, por fugir, remetem.

Mas, se nisto me vedes por acerto,
O áspero desprezo com que olhais
Torna a espertar a alma enfraquecida.

Oh! Gentil cura e estranho desconcerto,
Que fará o favor que vos não dais,
Quando o vosso desprezo torna a vida?

62. *Fermosura* do Céu a nós descida

(64: 1595)

[Fólio 21 retro – soneto B]

Fermosura do Céu a nós descida,
Que nenhum coração deixais isento,
Satisfazendo a todo pensamento,
Sem seres de nenhum bem entendida.

Que língua haverá, tão atrevida,
Que tenha, de louvar-te, atrevimento,
Pois a parte melhor do entendimento,
No menos que em ti há, se vê perdida?

Se teu valor contemplo, a melhor parte
Vendo, que abre na terra um paraíso,
O engenho me falta, o espírito míngua.

Mas o que mais me tolhe inda louvar-te
É que, quando te vejo, perco a língua,
E, quando não te vejo, perco o siso.

63. Pois meus olhos não cansam de chorar

(65: 1595)

[Fólio 21 verso – soneto A]

Pois meus olhos não cansam de chorar

Tristezas que não cansam de cansar-me,
Pois não abrandam o fogo em que abrasar-me
Pode quem eu jamais pude abrandar.

Não canse o cego Amor de me guiar

A parte donde não saiba tornar-me,
Nem deixe o mundo todo de escutar-me,
Enquanto me a voz fraca não deixar.

E se em montes, rios ou em vales,

Piedade mora ou, dentro, mora amor
Em feras, aves, *prantas*, pedras, águas,

Ouçam a longa história de meus males

E curem sua dor com minha dor,
Que grandes mágoas podem curar mágoas.

64. Dai-me uma lei, Senhora, de quer-vos

(66: 1595)

[Fólio 21 verso – soneto A]

Dai-me uma lei, Senhora, de querer-vos,
Que a guarde so[b] pena de enojar-vos,
Que a fé que me obriga a tanto amar-vos
Fará que fique, em lei, de obedecer-vos.

Tudo me defendei, se não só ver-vos,
E dentro na minh'alma contemplar-vos
Que, se *assi* não chegar a contentar-vos,
Ao menos, que não chegue àborrecer-vos.

E se esta condição cruel e esquiva
Que me deis lei de vida não consente,
Dai-me, Senhora, já, seja de morte.

Se nem essa me dais, é bem que viva
Sem saber como vivo tristemente,
Mas contente, porém, de minha sorte.

65. Com grandes esperanças, já cantei

(01: MA 1595 – 03: 1598)

[Fólio 01 retro]

Com grandes esperanças, já cantei

Com qu'os deuses no Olimpo conquistara,
Depois, vim a chorar, porque cantara,
Agora, choro já, porque chorei.

Se cuido nas passadas que já dei,

Custa-me esta lembrança só, tão cara,
Qu'a dor de ver as mágoas, que passara,
Tenho *pola* mor mágoa que passei.

Pois, logo, se está claro que um tormento

Dá causa que'outro n'alma s'acrescente,
Já nunca posso ter contentamento.

Mas esta fantasia se me mente?

Oh, ocioso e cego pensamento,
Ainda eu imagino ser contente?

66. Depois que quis Amor qu'eu só passasse

(02: MA 1595 – 04: 1598)

[Fólio 01 verso]

Depois que quis Amor qu'eu só passasse
Quanto mal, já por muitos, repartiu,
Entregou-me à Fortuna, porque viu
Que não tinha mais mal qu', em mim, mostrasse.

Ela, porque, do Amor, se *aventejasse*
No tormento que o Céu me permitiu,
O que, para ninguém, se consentiu,
Para mim, só mandou que s'inventasse.

Eis-m'aqui, vou com vários som gritando,
Copioso exemplário para a gente
Que destes *dous* tiranos é sujeita,

Desvarios em versos, concertando,
Triste quem seu descanso tanto estreita,
Que deste, tão pequeno, está contente.

67. Ferido, sem ter cura, parecia

(03: MA 1595 – 69: 1598)

[Fólio 02 retro]

Ferido, sem ter cura, parecia

O forte e duro Télefo temido,
Por aquele que n'água foi metido,
A quem ferro nenhum cortar podia.

Ao apolíneo oráculo pedia

Conselho para ser restituído;
Respondeu que tornasse a ser ferido
Por que o já ferira, e sararia.

Assi, Senhora, quer minha ventura

Que, ferido de ver-vos claramente,
Com vos tornar a ver Amor me cura.

Mas é tão doce vossa fermosura,

Que fico como hidrópico doente,
Que *co* beber lhe cresce mor segura.

68. Na metade do céu subido ardia

(04: MA 1595 – 70: 1598)

[Fólio 02 verso]

Na metade do céu subido ardia

O claro, almo pastor, quando deixavam
O verde pasto as cabras, e buscavam
A frescura suave d'água fria.

Coa folha da árvore sombria,

So raio ardente, as aves *s'emparavam*,
O módulo cantar, de que cessavam,
Só nas roucas cigarras se sentia.

Quando Liso, pastor, num campo verde,

Natércia, crua ninfa, só buscava,
Com mil suspiros tristes, que derrama:

– Por que te vás de quem por ti se perde

Para quem pouco te ama? – suspirava,
O eco lhe responde: – Pouco te ama.

69. Já a saüdosa Aurora destoucava

(05: MA 1595 – 71: 1598)

[Fólio 03 retro]

Já a saüdosa¹⁴ Aurora destoucava

Os seus cabelos d'ouro, delicados,
E as flores, nos campos esmaltados;
Do cristalino orvalho, borrifava,

Quando o *fermoso* gado s'espalhava

De Sílvio e de Laurente, pelos prados,
Pastores ambos e ambos apartados
De quem o mesmo Amor não se apartava.

Com verdadeiras lágrimas, Laurente

“Não sei”, dizia, “Oh ninfa delicada,
por que não morre já quem vive ausente,

Pois a vida, sem ti, não presta nada”

Responde Sílvio: “Amor não o consente,
Que ofende as esperanças da tornada.”

14 Optou-se pela diérese em *saüdosa* – já que ambas as formas são ritmicamente admissíveis –, pois é esta a forma observada nos sonetos que o precedem em 1595 e no *Manuscrito Apenso* (MA) ao exemplar Cam-10-P desta edição do acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa.

70. Quando de minhas mágoas a comprida

(06: MA 1595 – 72: 1598)

[Fólio 03 verso]

Quando de minhas mágoas a comprida

Maginação os olhos m'adormece,
Em sonhos aquel'alma m'aparece
Que, para mim, foi sonho nesta vida.

Lá *nũa soidade*, onde estendida

A vista, pelo campo, desfalece,
Corro par'ela e ela não parece
Que mais de mim se alonga, compelida.

Brado: “Não me fujais, sombra *benina!*”

Ela (os olhos em mim *cum* brando pejo,
Como quem diz que já não pode ser)

Torna a fugir-me. E eu, gritando: “*Dina...*”

Antes que diga “*mene*”, acordo e vejo
Que nem um breve engano posso ter.

71. Suspiros inflamados, que cantais

(07: MA 1595 – 73: 1598)

[Fólio 04 retro]

Suspiros inflamados, que cantais

A tristeza com qu'eu vivi tão ledó,
Eu *mouro* e não vos levo, porqu'hei medo
Qu[e] ao passar do Lete vos percais.

Escritos, para sempre, já ficais

Onde vos mostrarão todos *co* dedo,
Como exemplo de males, qu'eu concedo
Que para aviso d'outros estejais.

Em quem, pois, virdes falsas esperanças

D'Amor e da Fortuna, cujos danos,
Alguns terão por bem-aventuranças,

Dizei-lhe qu'os servistes muitos anos,

E que, em Fortuna, tudo são mudanças,
E qu'em Amor não há senão enganos.

72. Aquela fera humana qu'enriquece

(08: MA 1595 – 74: 1598)

[Fólio 04 verso]

Aquela fera humana qu'enriquece

Sua presuntuosa tirania

Destas minhas entranhas, onde cria,

Amor, um mal que falta quando cresce.

Se, nela, o Céu mostrou (como parece)

Quanto mostrar ao mundo pretendia,

Por que, de minha vida s'injuria?

Por que, de minha morte, s'enobresse?

Ora, enfim, sublimai vossa vitória,

Senhora, com vencer-me e cativar-me,

Fazei, disso, no mundo, larga história,

Que, por mais que vos veja maltratar-me,

Já me fico logrado desta glória

De ver que tendes tanta de matar-me.

73. Ditoso seja aquele somente

(09: MA 1595 – 75: 1598)

[Fólio 05 retro]

Ditoso seja aquele somente

Se queixa d'amorosas esquivaças,
Pois por elas não perde as esperanças
De, poder nalgum tempo, ser contente.

Ditoso seja quem, estando absente,

Não sente mais que a pena das lembranças,
Porqu', inda que se tema de mudanças,
Menos se teme a dor, quando se sente.

Ditoso seja, enfim, qualquer estado

Onde enganos, desprezos e isenção
Trazem o coração atormentado.

Mas triste quem se sente magoado

D'erros em que não pode haver perdão,
Sem ficar n'alma a mágoa do pecado.

74. Quem fosse acompanhado, juntamente

(10: MA 1595 – 76: 1598)

[Fólio 05 verso]

Quem fosse acompanhado, juntamente,
Por estes verdes campos, a avezinha,
Que, *depois* de perder um bem que tinha,
Não sabe mais que *cousa* é ser contente!

Quem fosse apartando-se da gente,
Ela, por companheira e por vizinha,
M'ajudasse a chorar a pena minha,
Eu a ela, o pesar que tanto sente!

Ditosa ave, qu'ao menos, se a natura,
A seu primeiro bem, não dá segundo,
Dá-lhe o ser triste a seu contentamento.

Mas triste quem de longe quis ventura:
Que, para respirar, lhe falte o vento
E, para tudo, enfim, lhe falte o mundo.

75. O culto divinal se celebrava

(11: MA 1595 – 77: 1598)

[Fólio 06 retro]

O culto divinal se celebrava

No templo donde toda a criatura
Louva o Feitor divino, que a feitura,
Com seu sagrado sangue, restaurava.

Ali, Amor, que ò tempo m'aguardava
Onde a vontade tinha mais segura,
Nũa celeste e angélica figura
A vista da rezão me salteava.

Eu, crendo qu'ò lugar me defendia,
E seu livvre costume não sabendo,
Que nenhum confiado lhe fugia,

Deixei-me cativar, mas já qu'entendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo que fui livre, me arrependo.

76. Leda serenidade deleitosa

(12: MA 1595 – 78: 1598)

[Fólio 06 verso]

Leda serenidade deleitosa

Que representa, em terra, um paraíso;
Entre rubis e perlas, doce riso;
Debaixo d'ouro e neve, cor-de-neve;

Presença moderada e graciosa,

Onde ensinando estão despejo e siso,
Que se pode, por arte e por aviso,
Como, por natureza, ser *fermosa*;

Fala de quem a morte e a vida pende,

Rara suave, enfim, Senhora, vossa;
Repouso nela alegre e comedido:

Estas as armas são com que me rende

E me cativa Amor, mas não que possa
Despojar-me da glória de rendido.

77. Ilustre e *dino* ramo dos Menezes

(13: MA 1595 – 06: 1598)

[Fólio 07 retro]

Ilustre e *dino* ramo dos Menezes,
Aos quais o prudente e largo Céu,
Qu'errar não sabe, em dote concedeu
Rompe os maométicos arneses,

Desprezando a Fortuna e seus reveses,
Ide para onde o fado vos moveu,
Erguei flamas no Mar alto Eritreu¹⁵
E sereis nova luz aos portugueses.

Oprimi com tão firme e forte peito
O pirata insolente, que s'espante,
E trema Taprobana e Gadrosia;

Dai nova causa à cor do Arabo estreito,
Assi qu'ó Roxo Mar, daqui em diante,
O seja só *co* sangue de Turquia!

15 Mar Vermelho.

78. Bem sei, Amor, qu'ê certo o que receio

(14: MA 1595 – 79: 1598)

[Fólio 07 verso]

Bem sei, Amor, qu'ê certo o que receio,
Mas tu, porque com isso mais te apuras,
De manhoso mo negas e mo juras
No teu dourado arco, e eu to creio.

A mão tenho metida no teu seio
E não vejo meus danos às escuras,
E tu, contudo, tanto m'asseguras,
Que me digo que minto e que m'enleio.

Não somente consinto neste engano,
Mas inda to agradeço e, a mim, me nego
Tudo o que vejo e sinto de meu dano.

Oh poderoso mal a que m'entrego!
Que, no meio do justo desengano,
Me possa inda cegar um moço cego!

79. Em prisões baixas fui, um tempo, atado

(15: MA 1595 – 05: 1598)

[Fólio 08 retro]

Em prisões baixas fui, um tempo, atado,
Vergonhoso castigo de meus erros;
Ind'agora, arrojando, levo os ferros
Qu'a morte, a meu pesar, tem já quebrado.

Sacrifiquei a vida a meu cuidado,
Qu'Amor não quer cordeiros nem bezerros;
Vi mágoas, vi misérias, vi destertos:
Parece-me qu'estava *assi* ordenado.

Contentei-me com pouco, conhecendo
Qu'era o contentamento vergonhoso,
Só por ver que *cousa* era viver ledos;

Mas minha estrela, qu'eu já'gora entendo,
A morte cega e o caso duvidoso
Me fizeram, de gostos, haver medo.

80. No tempo de d'Amor viver soía

(16: MA 1595 – 07: 1598)

[Fólio 09 retro]¹⁶

No tempo que d'Amor viver *soía*,
Nem sempre andava ao remo ferrolhado;
Antes, agora livre, agora atado,
Em várias flamas, variamente, ardia.

Qu'ardesse num só fogo, não queria
O Céu, porque tivesse *experimentado*
Que, nem mudar as causas ao cuidado,
Mudança na ventura me faria.

E, se algum pouco tempo andava isento,
Fui como quem *co* peso descansou
Por tornar a cansar com mais alento.

Louvado seja Amor em meu tormento,
Pois para passatempo seu tomou
Este meu tão cansado sofrimento.

¹⁶ Parece não haver MA fo. 8v^o.

81. Amor, que o gesto humano n'alma escreve

(17: MA 1595 – 08: 1598)

[Fólio 09 verso]

Amor, que o gesto humano n'alma escreve,
Vivas faíscas me mostrou um dia,
Donde um puro cristal se derretia
Por entre vivas rosas e alva neve.

A vista que'em si mesma não s'atreve,
Por se certificar do qu'ali via,
Foi convertida em fonte, que fazia
A dor ao sofrimento, doce e leve.

Jura Amor que brandura de vontade
Causa o primeiro efeito; o pensamento
Endoudece, se cuida qu'ê verdade.

Olhai como Amor gera, num momento
De lágrimas de honesta piedade,
Lágrimas d'imortal contentamento.

82. Como quando do mar tempestuoso

(18: MA 1595 – 80: 1598)

[Fólio 10 retro]

Como quando do mar tempestuoso

O marinheiro lasso e trabalhado,
Dum naufrágio cruel já salvo a nado,
Só ouvir falar nele o faz medroso,

E jura qu', em que veja bonançoso

O violento mar, e sossegado,
Não entre nele mais, mas vá forçado,
Pelo muito interesse, cobiçoso.

Assi, Senhora, eu, que da tormenta

De vossa vista fujo, por salvar-me,
Jurando de não mais em outra ver-me,

Minh'alma, que, de vós, nunca s'ausenta,

Dá-me, por preço, ver-vos, faz tornar-me
Donde fugi tão perto de perder-me.

83. Amor é um fogo qu'arde sem se ver

(19: MA 1595 – 81: 1598)

[Fólio 10 verso]

Amor é um fogo qu'arde sem se ver,
É ferida que dói e não se sente,
É um contentamento descontente,
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer,
É um andar solitário entre a gente,
É nunca contentar-se de contente,
É um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade,
É servir, a quem vence, o vencedor,
É ter, com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode se favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo amor?

84. Se pena por amar-vos se merece

(20: MA 1595 – 82: 1598)

[Fólio 11 retro]

Se pena por amar-vos se merece,
Quem dela livre está ou quem isento?
Que alma, que *rezão*, qu'entendimento
Em ver-vos, se não rende e obedece?

Que mor glória, na vida, s'oferece
Que culpar-se, em vós, o pensamento?
Toda a pena cruel, todo o tormento
Em ver-vos, se não sente, mas esquece.

Mas, se merece pena quem amando
Contínuo vos está, se vos ofende,
O mundo matareis, que todo é vosso.

Em mim podeis, Senhora, ir começando,
Que, claro, se conhece e bem s'entende
Amar-vos quanto devo e quanto posso.

85. – Que levas, cruel Morte? – Um claro dia

(21: MA 1595 – 83: 1598)

[Fólio 11 verso]

- Que levas, cruel Morte? – Um claro dia.
 - A que horas o tomaste? – Amanhecendo.
 - Entendes o que levas? – Não o entendo.
 - Pois quem to faz levar? – Quem o entendia.

- Seu corpo, quem o goza? – A terra fria.
 - Como ficou sem luz? – Anoitecendo.
 - Lusitânia, que diz? – Fica dizendo:
“Enfim não mereci Dona Maria”.

- Mataste quem a viu? – Já morto estava.
 - Que diz o cru Amor? – Falar não ousa.
 - E quem o fez calar? – Minha vontade.

- Na Corte que ficou? – Saudade brava.
 - Que fica lá que ver? – Nenhuma *cousa*,
Mas fica que chorar sua beldade.

86. Ondados fios d'ouro reluzente

(22: MA 1595 – 84: 1598)

[Fólio 12 retro]

Ondados fios d'ouro reluzente,
Qu', agora, da mão bela, recolhidos,
Agora, sobre as rosas, estendidos,
Fazeis que sua beleza s'acrescente.

Olhos, que vos moveis tão docemente,
Em mil divinos raios *encendidos*,
Se, de cá, me levais alma e sentidos,
Que fora, se, de vós, não fora ausente?

Honesto riso, qu'entre a mor fineza
De perlas e corais, nasce e perece,¹⁷
Se n'alma, em doces ecos, não o ouviu-se?

S'imaginando só, tanta beleza
De si, em nova glória, a alma s'esquece,
Que será quando a vir? Ah, quem a visse!

17 Nas transcrições, há, mais frequente, a forma *parece* como *aparece*. Todavia, esta forma é extremamente rara em Camões, além de mais pobre em sentido que *perece*. Optou-se, portanto, por esta, conforme a lição de João Franco Barreto.

87. Foi já num tempo doce *cousa* amar

(23: MA 1595 – 85: 1598)

[Fólio 12 verso]

Foi já num tempo doce *cousa* amar,
Enquanto m'enganava a esperança,
O coração, com esta confiança,
Todo se desfazia em desejar.

Oh vão, caduco e débil esperar!
Como se desengana *ũa* mudança,
Que, quanto é mor a bem-aventurança,
Tanto menos se crê que há de durar!

Quem já se viu contente e prosperado,
Vendo-se, em breve tempo, em pena tanta,
Rezão tem de viver bem magoado.

Porém, quem tem o mundo experimentado,
Não o magoa a pena, nem o espanta,
Que mal se estranhará o costumado.

88. Dos ilustres antigos, que deixaram

(24: MA 1595 – 86: 1598)

[Fólio 13 retro]

Dos ilustres antigos, que deixaram

Tal nome, qu'igualou fama à memória,
Ficou, por luz do tempo, a larga história
Dos feitos em que mais s'assinalaram.

Se se com *cousas* destes cotejaram

Mil vossas, cada *ũa* tão notória,
Vencera a menor delas a mor glória
Qu'eles, em tantos anos, alcançaram.

A glória sua foi (Ninguém lha tome!)

Seguindo, cada um, vários caminhos,
Estátuas levantando no seu templo.

Vós, honra portuguesa e dos Coutinhos,

Ilustre Dom João, com melhor nome,
A vós, encheis de glória, e a nós, d'exemplo.

89. Conversação doméstica afeiçoa

(25: MA 1595 – 87: 1598)

[Fólio 13 verso]

Conversação doméstica afeiçoa,
Ora em forma de boa e sã vontade,
Ora *dũa* amorosa piedade,
Sem olhar qualidade de pessoa.

Se *despois*, porventura, vos magoa
Com desamor e pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade
O brando amor, que tudo, em si, perdoa.

Não são isto, que falo, conjecturas
Qu'ó pensamento julga, na aparênciã,
Por fazer delicadas escrituras.

Metido tenho a mão na consciênciã,
E não falo senão verdades puras
Que me ensinou a viva experiênciã.

90. Esforço grande, igual ao pensamento

(26: MA 1595 – 88: 1598)

[Fólio 14 retro]

Esforço grande, igual ao pensamento,
Pensamentos, em obras, divulgados,
E não em peito tímido encerrados
E desfeitos, depois, em chuva e vento.

Ânimo da cobiça baixa isento,
Digno, por isso só d'altos estados,
Fero *açoute* dos nunca bem domados
Povos do malabar sanguinolento.

Gentileza de membros corporais,
Ornados de pudica continência,
Obra, por certo, rara de natura.

Estas virtudes, e outras muitas mais,
Dignas todas da homérica eloquência,
Jazem debaixo desta sepultura.

91. No mundo, quis um tempo que s'achasse

(27: MA 1595 – 89: 1598)

[Fólio 14 verso]

No mundo, quis um tempo que s'achasse

O bem que, por acerto ou sorte, vinha

E, por *expermentar* que dita tinha,

Quis qu'a Fortuna, em mim, *expermentasse*.

Mas, porque meu destino me mostrasse

Que nem ter esperanças me convinha,

Nunca, nesta tão longa vida minha,

Cousa me deixou ver, que desejasse.

Mudando andei costume, terra e estado,

Por ver se se mudava a sorte dura.

A vida pus nas mãos dum leve lenho,

Mas, segundo o qu'ó Céu me tem mostrado,

Já sei que deste meu buscar ventura,

Achado tenho já, que não a tenho.

92. A perfeição, a graça, o doce jeito

(28: MA 1595 – 90: 1598)

[Fólio 15 retro]

A perfeição, a graça, o doce jeito,
A primavera cheia de frescura,
Que sempre, em vós, floresce, a que a ventura
E a razão entregaram este peito.

Aquele cristalino e puro *aspeito*,
Qu', em si, compreende toda a *fermosura*,
O *resplendor* dos olhos e a brandura
De qu'ô amor, a ninguém, quis ter respeito.

S'isto, qu'em vós se vê, ver desesjais,
Como digno de ver-se claramente,
Por mais que de amor vos isentais,

Traduzido, o vereis tão fielmente,
No meio deste *spírito*, onde estais,
Que, vendo-vos, sintais o qu'ele sente.

93. Vós que, d'olhos suaves e serenos

(29: MA 1595 – 91: 1598)

[Fólio 15 verso]

Vós que, d'olhos suaves e serenos,
Com justa causa, a vida *captivais*,
E qu'os outros cuidados condenais,
Por indivíduos baixos e pequenos,

S'ainda, do amor, domésticos venenos,
Nunca provastes, quero que saibais
Qu'ê tanto mais o amor *despois* que amais,
Quanto são mais as causas de ser menos.

E não cuide ninguém qu'algum defeito,
Quando a *cousa* amada s'apresenta,
Possa diminuir o amor perfeito.

Antes, o dobra mais e, se atormenta,
Pouco e pouco, o desculpa, o brando peito,
Qu'amor, com seus contrários, s'acrescenta.

94. Que poderei, do mundo, já querer

(30: MA 1595 – 92: 1598)

[Fólio 16 retro]

Que poderei, do mundo, já querer,
Que, naquilo em que pus tamanho amor,
Não vi senão desgosto e desamor,
E morte, enfim, que mais não pode ser?

Pois vida me não farta de viver,
Pois já sei que não mata grande dor,
Se *cousa* há *i* que mágoa dê maior,
Eu a verei, que tudo posso ver.

A morte, a meu pesar, me assegurou
De quanto mal me vinha; já perdi
O que perder o medo m'ensinou.

Na vida, desamor somente vi;
Na morte, a grande dor que me ficou:
Parece que, para isto só, nasci.

95. Pensamento qu', agora, novamente

(31: MA 1595 – 93: 1598)

[Fólio 16 verso]

Pensamento qu', agora, novamente,
Cuidados vãos, em mim, ressuscitais,
Dizei-me: ainda não vos contentais
De terdes quem vos tem tão descontente?

Que fantasia é esta, que presente,
Cad'hora, ante meus olhos, me mostrais?
Com sonhos e com sombras, atentais,
Quem, nem por sonhos, pode ser contente?

Vejo-vos, pensamentos, alterados,
E não quereis, d'esquivo[s], declarar-me
Qu'é isto que vos traz tão enleados.

Não me negueis, s'andais para negar-me,
Que, se contra mim estais alevantados,
Eu vos ajudarei, mesmo, a matar-me.

96. Se tomar minha pena em penitência

(32: MA 1595 – 94: 1598)

[Fólio 17 retro]

Se tomar minha pena em penitência

Do erro em que caiu o pensamento,
Não abranda, mas dobra, o meu tormento,
A isto, e a mais, obriga a paciência.

E s'ũa cor de morto, na aparência,

Um espalhar suspiros vãos ao vento,
Em vós não faz, Senhora, movimento,
Fique meu mal em vossa consciência.

E se, de qualquer áspera mudança,

Toda a vontade isenta Amor castiga,
Como eu vi bem no mal que me condena

E, s'em vós não s'entende haver vingança,

Será forçado, pois Amor me obriga,
Qu'eu, só de vossa culpa, pague a pena.

97. Aquela que, de pura castidade

(33: MA 1595 – 95: 1598)

[Fólio 17 verso]

Soneto a Lucrecia

Aquela que, de pura castidade,
De si mesma, tomou cruel vingança,
Por *ũa* breve e súbita mudança,
Contrária à sua honra e qualidade,

Venceu à *fermosura* a honestidade,
Venceu, no fim da vida, a esperança,
Porque ficasse viva tal lembrança,
Tal amor, tanta fé, tanta verdade.

De si, da gente e do mundo, esquecida,¹⁸
Feriu, com duro ferro, o brando peito,
Banhando, em sangue, a força do tirano.

Estranha ousadia, estranho feito,
Que, dando morte breve ao corpo humano,
Tenha sua memória larga vida!

18 Este verso apresenta ritmo irregular em relação aos decassílabos italianos, com acentuação na 7ª sílaba.

98. Os vestidos, Elisa revolvía

(34: MA 1595 – 96: 1598)

[Fólio 18 retro]

Os vestidos Elisa revolvía

que lh'Eneias deixara por memória:
doces despojos da passada glória,
doces, quando seu Fado o consentia.

Entr'eles a fermosa espada via

que instrumento foi da triste história;
e, como quem de si tinha a vitória,
falando só com ela, assi dizia:

-Fermosa e nova espada, se ficaste

só para executares os enganos
de quem te quis deixar, em minha vida,

Sabe que tu comigo t'enganaste;

que, para me tirar de tantos danos,
sobeja me a tristeza da partida.

99. Oh, quão caro custa o entender-te

(35: MA 1595 – 97: 1598)

[Fólio 18 verso]

Oh, quão caro custa o entender-te,
Molesto Amor, que, só por alcançar-te,
De dor em dor, me tens trazido à parte
Onde, em ti, ódio e ira se converte!

Cuidei que, para em tudo conhecer-te,
Me não faltasse experiência e arte.
Agora vejo, n'alma acrescentar-te,
Aquilo qu'era causa de perder-te.

Estavas tão secreto no meu peito,
Qu'eu mesmo, que te tinha, não sabia
Que me senhoreavas deste jeito.

Descubriste-t'agora, e foi por via
Que meu descobrimento e meu defeito,
Um me envergonha e outro m'injuria.

100. Se, depois d'esperança tão perdida

(36: MA 1595 – 98: 1598)

[Fólio 19 retro]

Se, *despois* d'esperança tão perdida,
Amor pola ventura consentisse
Qu'ainda *algũa* hora alegre visse
De quantas tristes viu tão longa vida,

Õa alma já tão fraca e tão caída,
Por mais alto qu'a sorte me subisse,
Não tenho para mim que consentisse
Alegria tão tarde consentida.

Não tão somente Amor me não mostrou
Õ' hora em que vivesse alegremente
De quantas, nesta vida, me negou.

Mas inda tanta pena me consente
Que, *co* contentamento me tirou
O gosto d'algũ' hora ser contente.

101. O raio cristalino s'estendia

(37: MA 1595 – 99: 1598)

[Fólio 19 verso]

O raio cristalino s'estendia,
Pelo mundo, da Aurora marchetada,
Quando Nise, pastora delicada,
Donde a vida deixava, se partia.

Dos olhos, com que o Sol escurecia,
Levando a vida, em lágrimas, banhada,
De si, do fado e tempo, magoada,
Pondo os olhos no céu, *assi* dizia:

Nasce, sereno Sol, puro e luzente,
Resplandece, *fermosa* e roxa Aurora,
Qualquer alma alegrando, descontente,

Qu'a minha, sabe tu que, desd'agora,
Jamais, na vida, a podes ver contente
Nem tão triste, *nenhũa* outra pastora.

102. No mundo, poucos anos, e cansados

(38: MA 1595 – 100: 1598)

[Fólio 20 retro]

No mundo, poucos anos, e cansados,
Vivi, cheios de vil miséria dura;
Foi-me, tão cedo, a luz do dia, escura,
Que não vi cinco *lustres*¹⁹ acabados.

Corri terra e mares apartados,
Buscando, à vida, algum remédio ou cura,
Mas aquilo qu', enfim, não quer ventura,
Não o alcançam trabalhos arriscados.

Criou-me Portugal na verde e cara
Pátria minha, *Alanquer*, mas ar corrupto,
Que neste meu terreno vaso tinha,

Me fez manjar de peixes em ti, bruto
Mar, que bates na Abássia fera e avara,
Tão longe da ditosa pátria minha.

19 Está *lustres* por *lustros*.

103. Que me quereis, perpétuas saudades

(39: MA 1595 – 101: 1598)

[Fólio 20 verso]

Que me quereis, perpétuas saudades?
Com que esperança ainda m'enganais?
Qu'ó tempo que se vai não torna mais
E, se torna, não tornam as idades.

Rezão é já, ó anos, que vos vades,
Porqu'estes, tão ligeiros, que passais,
Nem todos, para um gosto, são iguais,
Nem sempre são conformes às vontades.

Aquilo a que já quis é tão mudado,
Que quase é outra *cousa*, porqu'os dias
Tem o primeiro gosto já danado.

Esperanças de novas alegrias
Não mas deixa a Fortuna e o tempo errado,
Que, do contentamento, são espias.

104. Verdade, amor, *rezão*, merecimento

(40: MA 1595 – 102: 1598)

[Fólio 21 retro]

Verdade, amor, *rezão*, merecimento,
Qualquer alma farão segura e forte,
Porém, fortuna, caso, tempo e sorte
Têm, do confuso mundo, o regimento.

Efeitos mil, revolve o pensamento,
E não sabe a que causa se reporte,
Mas sabe qu'ó que'é mais que vida e morte,
Que não o alcança humano entendimento.

Doctos varões darão *rezões* subidas,
Mas são experiências mais provadas
E, por isso, é melhor ter muito visto.

Cousas há *i* que passam sem ser cridas
E *cousas* cridas há, sem ser passadas.
Mas o melhor de tudo é crer em Cristo.

105. Fiou-se o coração de muito isento

(41: MA 1595 – 103: 1598)

[Fólio 21 retro]

Fiou-se o coração, de muito isento

De si, cuidando mal que tomaria
Tão ilícito amor tal ousadia,
Tal modo nunca visto de tormento.

Mas os olhos pintaram tão a tento

Outros que visto têm, na fantasia,
Que a razão, temerosa do que via,
Fugiu, deixando o campo ao pensamento.

“Ó Hipólito casto que, de jeito,

De Fedra, tua madrasta, foste amado,
Que não sabia ter nenhum respeito!

Em mim vingou o Amor teu casto peito;

Mas está desse agravo tão vingado,
que se arrepende já do que tem feito”.

106. Quem quiser ver d'Amor ãa excelência

(42: MA 1595 – 104: 1598)

[Fólio 22 r^o e v^o]

Quem quiser ver d'Amor ãa excelência

Onde sua fineza mais se apura,
Atente onde me põe minha ventura,
Por ter, de minha fé, experiência.

Onde lembranças mata a longa ausência,

Em temeroso mar, em guerra duar,
Ali, a saudade está segura,
Quando mor risco corre a paciência.

Mas, ponha-me, Fortuna e o duro Fado,

Em nojo, morte, dano e perdição,
Ou em sublime e próspera ventura;

Ponha-me, enfim, em baixo ou alto'stado,

Qu'até na dura morte m'acharão,
Na língua, o nome, n'alma, a vista pura.

107. Vós, Ninfas da gangética espessura²⁰

(43: MA 1595 – 105: 1598)

[Fólio 26 verso]

Vós, Ninfas da gangética espessura,
Cantai suavemente em voz sonora
Um grande capitão, que a roxa aurora
Dos filhos defendeu da noite escura.

Ajuntou-se a caterva, negra e dura,
Que na Áurea Quersoneso *afouta* mora,
Pera lançar do caro ninho fora
Aqueles que mais podem que a ventura.

Mas um forte *Lião*, com pouca gente,
A multidão, tão fera quanto nécia,
Destruindo, castiga e forna fraca.

Pois, ó Ninfas, cantai que, claramente,
Mais do que fez Leónidas, em Grécia,
O nobre Leonis fez em Malaca.

20 Este soneto também figura na obra de Pêro de Magalhães Gândavo, *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, 1ª edição de 1576, oferecida da d. Leonis Pereira, a quem o soneto também é dedicado. No *Manuscrito Apenso*, parece haver um espaço em branco entre os fólhos 23 e 26 retro.

108. Cantando estava um dia bem seguro

(01: DF 1616)

Cantando estava um dia bem seguro,
Quando, passando, Sílvio me dizia
(Sílvio, pastor antigo, que sabia,
Pelo canto das aves, o futuro):

– Méris, quando quiser o Fado escuro,
Oprimir-te virão, em um só dia,
Dois lobos. Logo a voz e a melodia
Te fugirão, e o som, suave e puro.

Bem foi *assi*. Porque um me degolou
Quanto gado vacuum pastava e tinha,
De que grandes soldadas esperava;

E outro, por meu dano me matou
A cordeira gentil, que eu tanto amava,
Perpétua saüdade d'alma minha.

109. Eu cantei já e, agora, vou chorando
(02: DF 1616)

Eu cantei já e, agora, vou chorando
O tempo que cantei, tão confiado.
Parece que, no canto já passado,
S'estavam minhas lágrimas criando.

Cantei, mas se me alguém *pregunta* “quando?”,
Não sei, que também fui nisso enganado.
É tão triste este meu presente estado,
Que o passado, por ledó, estou julgando.

Fizeram-me cantar, manhosamente,
Contentamentos, não, mas confianças.
Cantava, mas já era ao som dos ferros.

De quem me queixarei, que tudo mente?
Mas eu, que culpa ponho às esperanças,
Onde a Fortuna injusta é mais que os erros?

**110. Doces águas, e claras, do Mondego
(03 e 29: DF 1616)**

Doces águas, e claras, do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida é pérfida esperança
Longo tempo, após si, me trouxe cego,

De vós, me aparto, mas, porém, não nego
Que inda a memória longa, que me alcança,
Me não deixa de vos fazer mudança,
Mas, quanto mais me alongo, mais me achego.

Bem pudera, [à] Fortuna, este instrumento
D'alma levar por terra nova e estranha,
Oferecido ao mar remoto e vento.

Mas [a] alma, que de cá vos acompanha
Nas asas do ligeiro pensamento,
Para vós, águas, voa e em vós se banha.

111. Por sua ninfa, Céfalos deixava
(04: DF 1616)

Por sua Ninfa, Céfalos deixava

Aurora, que por ele se perdia;
Posto que dá princípio ao claro dia,
Posto que as roxas flores imitava.

Ele, que a bela Prócris tanto amava
Que só por ela tudo enjeitaria,
Deseja de atentar se lhe acharia
Tão firme fé como nele achava.

Mudado o traje, tece o duro engano;
Outro se finge, preço põe diante;
Quebra-se a fé mudável, e consente.

Ó engenho sutil para seu dano!
Vede que manhas busca um cego amante
Para que sempre seja descontente!

**112. Sentindo-se tomada, a bela esposa
(05: DF 1616)**

Sentindo-se tomada, a bela esposa
De Céfalos, no crime consentido,
Para os montes, fugia do marido,
E eu não sei se, de astuta, ou vergonhosa.

Porque ele, enfim, sofrendo a dor ciosa,
D'amor cego e forçoso, compelido,
Após se vai, como perdido,
Já perdando a culpa criminosa.

Deita-se aos pés da ninfa, endurecida,
Que, do cioso engano, está agravada,
Já lhe pede perdão, já pede a vida.

Oh, força de afeição, destinada,
Que, da culpa contra ele cometida,
Perdão pedia à parte, que é culpada.

**113. Senhor João Lopes, o meu baixo estado
(06: DF 1616)**

Senhor João Lopes, o meu baixo estado,
Ontem, vi posto em grau tão excelente,
Que vós, que sois inveja a toda a gente,
Só por mim, vos quiséreis ver trocado.

Vi o gesto suave e delicado,
Que já vos fez contente e descontente,
Lançar ao vento a vós, tão docemente,
Que fez ao ar sereno e sossegado.

Vi-lhe, em poucas palavras, dizer quanto
Ninguém diria em muitas. Eu só, cego,
Magoado fiquei na doce fala.

Mas mal haja a Fortuna e o moço cego:
Um, porque os corações obriga a tanto,
Outra, porque os estados desiguala.

114. O céu, a terra, o vento sossegado

(07: DF 1616)

O céu, a terra, o vento sossegado,
As ondas que se estendem pela areia,
Os peixes que, no mar, o sono enfreia,
O *nocturno* silencia repousado.

O pescador Aónio que, deitado
Onde *co* vento a água se meneia,
Chorando, o nome amado, em vão, nomeia,
Que não pode ser mais que nomeado.

– Ondas – dizia –, antes que amor me mate,
Tornai-me a minha ninfa, que, tão cedo,
Me fizeste, à more, estar sujeita.

Ninguém lhe fala. O mar, de longe, bate.
Move-se, brandamente, o arvoredado.
Leva-lhe, o vento, a voz, que, ao vento, deita.

115. Erros meus, má fortuna, amor ardente
(08: DF 1616)

Erros meus, má fortuna, amor ardente,
Em minha perdição se conjuraram;
Os erros e a fortuna sobejaram,
Que, para mim, bastava o amor somente.

Tudo passei, mas tenho tão presente
A grande dor das *cousas* que passaram,
Que as magoadas iras me ensinaram
A não querer já nunca ser contente.

Errei todo o discurso de meus anos,
Dei causa [a] que a Fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.

D'amor, não vi senão breves enganos.
Oh, quem tanto pudesse, que fartasse
Este meu duro génio de vinganças!

**116. Cá, nesta Babilónia, donde [e]mana
(09: DF 1616)**

Cá, nesta Babilónia, donde [e]mana

Matéria a quanto mal o mundo cria;
Cá, onde o puro amor não tem valia,
Que a mãe, que manda mais, tudo profana;

Cá, onde o mal se afina e o bem se dana,
E pode, mais que a honra, a tirania;
Cá, onde a errada e cega monarquia
Cuida que um nome vão a desengana;

Cá, neste labirinto, onde a nobreza,
Com esforço e saber, pedindo vão
Às portas da cobiça e da vileza;

Cá, neste escuro caos de confusão,
Cumprindo o curso, estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião!

**117. Vós outros, que buscais repouso certo
(11: DF 1616)**

Vós outros, que buscais repouso certo
Na vida, com diversos exercícios,
A quem, vendo, do mundo, os benefícios,
O regimento seu está encoberto.

Dedicaí, se quereis, ao desconcerto,
Novas honras e cegos sacrifícios,
Que, por castigo iguais de antigos vícios,
Quer Deus que andem as *cousas* por acerto.

Não caiu neste modo de castigo
Quem pôs culpa à Fortuna, quem somente
Crê que acontecimentos há no mundo.

A grande experiência é grão perigo,
Mas o que, a Deus, é evidente
Parece injusto aos homens, e profundo.

**118. Depois que viu, Cibele, o corpo humano
(12: DF 1616)**

Depois que viu, Cibele, o corpo humano
Do *fermoso* Átis seu,²¹ verde pinheiro,
Em piedade, o vão furor, primeiro
Convertido, chorou seu grave dano.

E, fazendo a sua dor ilustre engano,
A Júpiter pediu que o verdadeiro
Preço da nova palma e, do loureiro,
Ao seu pinheiro desse, soberano.

Mais lhe concede o filho poderoso:
Que as estrelas, subindo, tocar possa,
Vendo os segredos, lá do Céu superno.

Oh, ditoso pinheiro! Oh, mais ditoso
Quem se vir coroar da folha vossa,
Cantando, à vossa sombra, verso eterno!

21 Esta vírgula é de responsabilidade de Cleonice Berardinelli (1980).

119. Na desesperação já repousava

(14: DF 1616)²²

Na desesperação já repousava

O peito longamente magoado

E, com seu dano eterno concertado,

Já não temia, já não desejava.

Quando ãa sombra vã me assegurava

Que algum bem me podia estar guardado

Em tão fermosa imagem, que o treslado

N'alma ficou, que nela se enlevava.

Que crédito que dá, tão facilmente,

O coração àquilo que deseja,

Quando lhe esquece o fero seu destino!

Oh, deixem-me enganar que sou contente!

Que, posto que maior meu desejo seja,

Fica-me a glória, já, do que imagino.

22 O soneto 13 de Domingos Fernandes é “Ilustre e digno ramo dos Menezes”, no 13 do *Manuscrito Apenso* e 77 desta edição.

120. Senhora minha, se a Fortuna *imiga*

(15: DF 1616)

Senhora minha, se a Fortuna *imiga*,

Que, em minha fim, com todo o Céu conspira,

Os olhos meus, de ver os vossos, tira,

Porque, em mais graves casos, me persiga,

Comigo, levo est'alma, que se obriga,

Na mor pressa de mar, de fogo, de ira,

A dar-vos à memória que suspira,

Só por fazer convosco eterna liga.

Nest'alma, onde a Fortuna pode pouco,

Tão viva vos terei, que frio e fome

Vos não possam tirar, nem vãos perigos.

Antes *co* som da voz, trémulo e rouco,

Bradando por vós, só com vosso nome

Farei fugir os ventos e os *imigos*.

121. Árvore, cujo pomo belo e brando
(16: DF 1616)

Árvore, cujo pomo belo e brando

Natureza, de leite e sangue, pinta,
Onde a pureza, de vergonha tinha,
Está virgíneas faces imitando,

Nunca da ira e do vento, que arrancando

Os troncos vão, o teu injúria sinta,
Nem por malícia de ar te seja extinta
A cor que está teu fruto debuxando.

Que, pois me emprestas doce e idóneo abrigo

A meu contentamento, e favoreces,
Com teu suave cheiro, minha glória,

Se não te celebrar como mereces,

Cantando-te, sequer farei contigo
Doce, nos casos tristes, a memória.

**122. Por cima destas águas, forte e firme
(17: DF 1616)**

Por cima destas águas, forte e firme,
Irei por onde as sortes ordenaram,
Pois, por cima de quantas me choraram
Aqueles claros olhos, pude vir-me.

Já chegado era o fim de despedir-me,
Já mil impedimentos se acabaram,
Quando rios d'amor se atravessaram,
A me impedir o passo de partir-me.

Passei-os eu com ânimo obstinado,
Com que a morte forçada e gloriosa
Faz o vencido já desesperado.

Em que figura, ou gesto desusado,
Pode já fazer medo a morte irosa,
A quem tem a seus pés rendido e atado?

123. O filho de Latona, esclarecido

(18: DF 1616)

O filho de Latona, esclarecido,
Que, com seu raio, alegre a humana gente,
O hórrido *Piton*, brava serpente,
Matou, sendo das gentes tão temido.

Feriu com arco e de arco foi ferido,
Com ponta aguda de ouro reluzente;
Nas *tessálicas* praias, docemente,
Pola ninfa Penéia²³ andou perdido.

Não lhe pode valer, para seu dono,
Ciência, diligências, nem respeito
De ser alto, celeste e soberano.

Se este nunca alcançou nenhum engano
De quem era tão pouco em seu respeito,
Eu, que espero de um ser que é mais que humano?

23 De Peneu, “deus-rui de Tessália”. Cf. Cleonice Berardinelli, 1980, p. 549.

124. Presença bela, angélica figura

(19: DF 1616)

Presença bela, angélica figura

Em quem quanto o Céu tinha nos tem dado;
Gesto alegre, de rosas semeado,
Entre as quais se está rindo a *fermosura*;

Olhos, onde tem feito tal mistura,

Em cristal branco, o preto marchetado,
Que vemos já, no verde delicado,
Não esperança, mas inveja escura;

Brandura, aviso e graça, que, aumentando

A natural beleza cum desprezo,
Com que, mais desprezada, mais se aumenta,

São as prisões dum coração, que, preso,

Seu mal ao som dos ferros vai cantando,
Como faz a Sereia na tormenta.

125. Diversos dons, reparte o Céu benigno (20: DF 1616)

Diversos dons, reparte o Céu benigno²⁴

E quer que, cada *ũa*, um só possua,
Assi, ornou, de casto peito, a Lua,
Ornamento do assento cristalino.

De graça, a Mãe *fermosa* do Menino,
Que nessa vista tem perdido a sua,
Palas, de discrição, que imite a tua,
Do valor, Juno, só de império digno.

Mas, junto agora, o mesmo Céu derrama,
Em ti, o mais que tinha, e foi o menos,
Em respeito do Autor da natureza,

Que a seu pesar te dão, *fermosa* dama,
Diana, honestidade, e graça, Vénus,
Palas, o aviso seu, Juno, a nobreza.

24 No original, 1º e 8º versos, *benino* e *dino*, respectivamente.

126. Tal mostra dá, de si, vossa figura

(21: DF 1616)

Tal mostra dá, de si, vossa figura,
Sibela, clara luz da redondeza,
Que as forças e o poder da natureza,
Com sua claridade, mais apura.

Quem viu *ũa* confiança tão segura,
Tão singular esmalte da beleza,
Que não padeça mais, se ter defesa
Contra vossa gentil vista procura?

Eu, pois, por escusar esta esquivança,
A *rezão* sujeitei ao pensamento
Que, rendida, os sentimentos lhe entregaram.

Se vos ofende o meu atrevimento,
Inda podeis tomar nova vingança
Nas relíquias da vida, que escaparam.

127. A morte, que, da vida, o nó desata

(23: DF 1616)²⁵

A morte, que, da vida, o nó desata,
Os nós, que dá o amor, cortar quisera
N'ausência, que é contr'ele espada fera,
E *co* tempo, que tudo desbarata.

Duas contrárias, que *ũa* a outra mata,
A morte, contra o amor, ajunta e altera,
Ûa é *rezão*, contra fortuna, austera,
Outra, contra a *rezão*, fortuna ingrata.

Mas mostre a sua imperial potência
A morte, em apartar dum corpo a alma;
Duas num corpo o amor ajunte, a uma;

Porque *assi* leve, triunfante, a palma
Amor da morte, apesar d'ausência,
Do tempo, da *rezão* e da fortuna.

25 Domingos Fernandes salta o número 22.

**128. Ornou mui raro esforço ao grande Atlante
(24: DF 1616)**

Ornou mui raro esforço ao grande Atlante,
Com que a celeste máquina sustenta;
Honrou seu alto engenho esse, que intenta
Grécia, do quarto Céu, leva-lo avante.

Coroou já o Amor o firme amante
Orfeu, firme na paz e na tormenta;
Aspirou a ventura, em tudo, isenta
A César, de quem foi, um tempo, amante.

Tu exaltaste, oh fama!, a glória alta
De Hércules, sobre o monte em que resides,
Mas Castro, em quem o Céu, seus dons, derrama,

Mais orna, honra, coroa, aspira, exalta,
Que Atlante, Homero, Orfeu, César e Alcides,
Esforço, engenho, amor, ventura e fama.

**129. Coitado, que, em algum tempo, choro e rio
(25: DF 1616)**

Coitado, que, em algum tempo, choro e rio,
Espero, temo, e quero, e aborreço,
Juntamente, me alegre e entristeço,
De *ũa cousa*, confio e desconfio.

Voo²⁶ sem asas, estou cego e guio,
E no que valho mais menos mereço;
Calando, vozes dou, falo e emudeço,
Nada me contradiz e eu aporfio.

Queria, se ser pudesse, o impossível,
Queria poder mudar-me, e estar quedo,
Usar de liberdade, e ser cativo;

Queria que visto fosse, e invisível,
Queria desenredar-me, e mais me enredo:
Tais são os extremos em que triste vivo!

26 No original impresso, está *Avôo*, o que torna o verso hipermétrico.

130. Se grão glória me vem de olhar-te
(26: DF 1616)

Se grão glória me vem de olhar-te,
É pena desigual deixar de ver-te,
Se presumo, com obras, merecer-te,
Grão pago, de engano, é desejar-te.

Se quero, por quem és, louvar-te,
Sei certo, por quem sou, ofender-te;
Se mal me quero a mim por bem querer-te,
Que prêmio quero mais que só amar-te?

Porque amor tão raro sempre fere
(Oh, humano tesouro, doce glória!),
Que quer mais a alma que te serve?

[E]scrita estarás em minha memória,
E a alma viverá, que, por ti, morre,
Que, ao fim da batalha, é a vitória.

**131. Julga-me a gente toda por perdido
(27: DF 1616)**

Julga-me a gente toda por perdido,
Vendo-me, tão entregue a meu cuidado,
Andar sempre, dos homens, apartado
E, dos tratos humanos, esquecido.

Mas eu, que tenho o mundo conhecido
E quase que, sobre ele, ando dobrado,
Tenho por baixo, rústico, enganado,
Quem não é, com meu mal, engrandecido.

Vão revolvendo a terá, o mar e o vento,
Busquem riquezas e honras a outra gente,
Vencendo ferro, fogo, frio e calma,

Que eu, só em humilde estado, me contento
De trazer esculpido, eternamente,
Vosso *fermoso* gesto dentro n'alma.

132. Sempre a razão vencida foi d'amor
(28: DF 1616)

Sempre a razão vencida foi d'amor,
Mas, porque *assi* o pedia o coração,
Quis amor ser vencido da razão.
Ora, que caso pode haver maior?

Novo modo de morte e nova dor,
Estranheza de grande admiração,
Que perca suas forças, a afeição,
Porque não perca a pena, seu rigor.

Pois, nunca houve fraqueza no querer,
Mas antes muito mais se esforça assim:
Um contrário, com outro, por vencer.

Mas a *rezão*, que a luta vence, enfim,
Não creio que é *rezão*, mas há de ser
Inclinação que eu tenho contra mim.

133. Para se namorar do que criou

(33: DF 1616)

A Conceição da Virgem Nossa Senhora

Para se namorar do que criou,
Te fez Deus S[anta] Fénix, Virgem pura:
Vede que tal seria esta feitura,
Que a fez quem, para si só, a guardou.

No seu santo conceito te formou
Primeiro que a primeira criatura,
Para que única fosse a compostura
Que, de tão longo tempo, se estudou.

Não sei se direi nisto quanto baste
Para exprimir as santas *calidades*
Que quis criar, em ti, quem tu criaste.

És filha, mãe e esposa; e, se alcançaste,
Õa só, a três tão altas dignidades,
Foi porque a três, e de um só, tanto agradaste.

134. Desce, do Céu imenso, Deus benigno
(34: DF 1616)

À Encarnação do Verbo Eterno

- Desce, do Céu imenso, Deus benigno
Para encarnar a Virgem soberana.
 - Por que desce Divino em *cousa* humana?
 - Para subir o humano a ser Divino.

- Pois, como vem tão pobre e tão menino,
Rendendo-se ao poder da mão tirana?
 - Porque vem receber morte inumana,
Para pagar, de Adão, o desatino.

- Pois, como? Adão e Eva o fruto comem,
Que por seu próprio Deus lhe[s] foi vedado?
 - Si[m], porque o próprio ser de deuses tomem.

- E por essa razão foi humanado?
 - Si[m], porque foi com causa decretado:
Se o homem quis ser Deus, que Deus seja homem.

**135. Dos Céus à Terra, desce a mor beleza
(35: DF 1616)**

A Cristo, Nosso Senhor, No Presépio

Dos Céus à Terra, desce a mor beleza,
 Une-se à carne nossa e fá-la nobre,
 E, sendo a humanidade dantes pobre,
 Hoje, subida fica à mor alteza.

Busca o Senhor mais rico a mor pobreza,
 Que, como, ao mundo, o seu amor descobre,
 De palhas vis, o corpo tenro cobre,
 E, por ela, o mesmo Céu despreza.

Como Deus, em pobreza, à Terra desce?
 O que é mais pobre tanto lhe contenta,
 Que só rica a pobreza lhe parece?

Pobreza, este presépio representa,
 Mas tanto, por ser pobre, já merece,
 Que, quanto é pobre mais, mais lhe contenta.

**136. Por que a tamanhas penas se oferece
(36: DF 1616)**

A Paixão de Cristo, Nosso Senhor,

DIALOGISMO

- Por que a tamanhas penas se oferece,
Pelo pecado alheio e erro insano,
O trino Deus? – Porque o sujeito humano
Não pode co castigo que merece.

- Quem padecerá as penas que padece,
Quem sofrerá desonra, morte e dano?
– Ninguém, senão se for o soberano
Que reina, e servos manda, e obedece.

- Foi a força do homem tão pequena,
Que não pôde suster tamanha aspereza,
Pois não susteve a Lei que Deus ordena?

- Sofre-a aquela imensa Fortaleza
Por puro amor, que a humanal fraqueza
Foi para o erro, e não já para a pena.

**PARATEXTOS PUBLICADOS
NAS *RHYTHMAS* DE LUÍS DE
CAMÕES (LISBOA, 1595)**

1. Licença do Santo Ofício

[Fólio I verso]

Vi, por mandado de Sua Alteza, o livro intitulado *Rimas* de poesia de Luís de Camões. *Assi* como vai não tem *cousa* que seja contra a nossa santa Fé católica ou contra os bons costumes, e guarda deles, antes, com sua poesia, pode ensinar e, com variedade, deleitar a muitos. Usa o autor, como poeta, destes vocábulos *Deuses*, *Fado*, *Fortuna* e outros semelhantes, os quais já lhe tacharão, mas sem *rezão*, porque não pode prejudicar as consciências, o que não encontra as escrituras nem a verdadeira Teologia. Este vocábulo *Deuses* é usado na *Sagrada Escritura* a cada passo. *Fado* se admite na Teologia, como se pode ver em São Tomás I. par. q. 116. art. 1 e *sequentibus*, e 3. contra gentes, c. 93., onde aprova o parecer daqueles que disseram “*Fatum esse ordinationem quæ est in rebus ex divina providentia*”. E, mais abaixo, acrescenta “*Secundum hanc ergo acceptionem negare fatum, est providentiam divinam negare. De fortuna loquens august. lib. I. questionum super*” Genesim. q. 91. diz “*Fortuna intelligenda est probis rebus que fortuito videntur accidere, non quia nomen aliquod fit*”. E que o autor use destes vocábulos neste sentido, está claro de outros lugares seus, como mostrei largamente na aprovação que dei às *Lusíadas* do mesmo autor, que agora novamente se imprimem: o que, visto bem, se pode este livro imprimir.

F. Manoel Coelho

Vista a informação, pode-se imprimir este livro e, depois de impresso, torne a este Conselho *pera* se conferir e se lhe dar licença para correr. Em Lisboa, a 17 de novembro de [15]94.

O bispo d'Elvas Diogo de Sousa Marcos Teixeira

Pode-se imprimir a 3 de dezembro de [15]94.
João de Lucena Homem

2. Alvará do rei

[Fólio II retro]

Eu, el-Rei, faço saber, aos que este meu alvará virem, que Estêvão Lopes, livreiro, morador nesta cidade de Lisboa, me enviou dizer, por sua petição, que eu houvera por bem de lhe dar licença, po[r] ele ter já a da Santa Inquisição e do Ordinário, pera se poder imprimir o livro dos seus *Lusíadas*, que já foi impresso, por agora haver poucos, e porque tivera trabalho em ajuntar as ditas obras, e gastara muito na impressão, me pedia houvesse por bem de lhe conceder privilégio, para ninguém poder imprimir nem vender os ditos livros sem sua licença, e receberia mercê. E visto seu requerimento, e por lha fazer, hei por bem e me praz que, por tempo de dez anos, nenhum imprimidor nem livreiro algum nem outra pessoa de qualquer qualidade que seja não possa imprimir nem vender em todos estes reinos e senhorios de Portugal nem trazer de fora deles os ditos livros, se não aqueles livreiros e pessoas que para isto tiverem licença do dito Estêvão Lopes. E qualquer imprimidor livreiro ou pessoa que, durando os ditos dez anos, imprimir, ou vender os ditos livros de várias Rimas e Senhorios ou os trazer de fora deles sem licença do dito Estêvão Lopes, perderá para ele todos os volumes que a si imprimir, vender ou, de fora, trazer e, além disso, incorrerá em pena de vinte cruzados, a metade para minha Câmara e a outra metade para quem o acusar. E mando a todas as minhas justiças, oficia 5, a que o conhecimento disto e tecem que lhe cumpram, guardem e façam inteiramente cumprir e guardar este alvará, como se nele contém: o qual me praz que valha e tenha força e vigor, posto que o efeito dele haja de durar mais de um ano, sem embargo da ordenação do segundo livro, título vinte, que, ao contrário, dispõe Belchior Pinto o fez em Lisboa a trinta de dezembro de mil e quinhentos e noventa e cinco. João da Costa o fez escrever.

REI

3. Dedicatória de Estêvão Lopes a Dom Gonçalo Coutinho, reproduzido em 1598

[Fólio II verso]

Ao muito ilustre senhor Dom Gonçalo Coutinho

Duas razões muito ilustres, senhor, me moveram a tirar à luz estas obras do admirável Luís de Camões, Príncipe dos Poetas: a primeira, serem elas tais, que mereceu, o autor, este nome; a segunda, ter eu a v. m. por meu senhor, para me valer de seu amparo nos casos a que se arrisca quem sai a público, e ambas me obrigam a oferecê-las a v. m. e pedir-lhe que sofra arrimá-las a seu nome porque se me render louvor de bom juízo a escolha que fiz de tão alta poesia para a imprimir, quero ficar de todo acreditado, na eleição do padroeiro que tomo para a defender. Quão alta e quão excelente obra seja esta, bem posto escusar de o encarecer, pois a ponho no teatro do mundo, na mais pura e emendada impressão que pude haver. Nela, está retratado, antes vivo aquele admirável engenho, de quem afirmo que se vivera pudera fazer imortal o nome português, e ainda das feridas de nossas calamidades, em que tantos falsos escritores tão pesadamente nos magoaram, soubera tirar louvores e troféus. Não posso declarar como espanta a agudeza de seus conceitos, como obriga a propriedade das palavras, como enleva o encarecimento das razões. Que alteza tem defenças, que metáforas, que hipérboles, que figuras tâ[o] poéticas. Admirável é a gravidade dos sonetos, a graça das odes e canções, a *melencolia* tão musica[l] das elegias, a brandura tão namorada das éclogas. Que direi da polícia e facilidade do verso e da elegância dos termos da riqueza da língua? Por *ũa* parte, me parece que tira a todo homem a esperança de ser poeta: por outra, toda a desculpa aos que vão mendigando linguagens estrangeiras para compor nelas e tacham a nossa de estéril: defeito seu, mais que culpa dela. Aponteí estas *cousas*, que v. m. não ignora, porque quero que entenda que sei o preço do que dou. Por onde me hei por mui obrigado a minha ventura, por me apresentar ocasião, em

que desejando muito servir a v. m. quase igualei a vontade com a obra. Mas também confesso que lhe não deverei nunca poder-me dar *cousa* que iguale ao merecimento de v. m. Em cujos louvores não quero entrar, porque vejo diante o mar. Oceano muito mais largo e estendido do que, na verdade, é. Baste que, se fiz algum serviço a v. m. com as poesias de Camões, muito maior o fiz a ele, em as entregar a v. m., de quem se sabe que, em dotes de ânimo, é maior que todos [os] seus iguais, e nas do

[Fólio III retro]

corpo igual a todos os maiores do mundo. Porque, quanto a isto, que menos importa à casa dos Coutinhos, é *ũa* das mui poucas, que começaram com o reino de Portugal e, com ela, permaneceram. Mas que digo começaram? [*sic*] No mesmo tempo do primeiro Rei Afonso consta *per* escrituras antigas, que havia Coutinhos, que eram conquistadores *per* si. Para o que era necessário terem a [*sic*] sangue ilustre para obrigar o povo e riqueza para o pagar que são ou *dous* esteios que conservam a nobreza. De como se continuou por estes quatrocentos anos por virtude própria, mais que favor alheio dão testemunho todos os lugares, em que portugueses fizeram feitos de valo[r], semeados de ossos de Coutinhos. E como a virtude *per* si mesmo [*sic*] sem outra valia se sustenta, deu a este reino doze e mais casas, que hoje com esplendor ilustre continuam liberais de valerosos peitos para a guerra, e não a varas de *perfundos* juízos para a administração da paz. Entre estas deu *dous* condados, dos quais e do mais antigo e verdadeiro desta família (inda que hoje e[x]tincto por se juntar com a Casa Real, pelo casamento do i[n]fante dom Fernando, irmão del rei dom João, o terceiro, com a senhora dona Gui[o]mar, última possuidora dele) é v. m. descendente *per* linha legítima masculina. Quanto às partes do ânimo de que Deus dotou a v. m. bom indício nos deu v. m. delas na sua empresa da oliveira, que tanto tempo há que usa em suas armas. Porque esta é aquela que enjeitou o reinado das outras árvores, que dignamente lhe ofereciam.

E esta é aquela que é símbolo da paz, e brandura *cortezã* de que v. m. é dotado. Esta é a árvore de Pallas [*sic*], que mistura com as armas todas as boas ciências e disciplinas com tal conserto, que reciprocamente se comunicam admi[r]ável ilustre, como as vemos em v. m. na letra MIHI TAXVS. Estou contemplando o queixume geral dos grandes entendimentos, que sentenciosamente se descobre nela, os quais *ũa* vez por não serem conhecidos daqueles a quem eles faltam e outra por serem dos mesmos invejados nunca alcançam o que merecem. De maneira que o saber pela oliveira, significando que lhes houvera de ser ocasião de subirem a grandes estados, lhes causa efeitos de contradição e ódio, entendidos no veneno do tex[t]o outras muitas aplicações se podem descobrir nesta empresa, *assi* ao sentido moral, como ao namorado, que todos me dão certos penhores de profundo juízo de v. m. das quais não trato, *pellas* não danar com a pobreza de meu estilo, e por deixar que especular aos bons engenhos. E bem mostra v. m. nelas as partes excelentes de seu ânimo, de que não direi mais, porque sei que não bastam livros inteiros, quanto mais prólogo curto.

[Fólio III verso]

Mas como não hei de *exalçar* [*sic*] até o céu a magnífica e mui heroica obra que v. m. fez em dar sepultura honrada aos ossos deste admirável varão, que pobre e plebeiramente jaziam no Mosteiro de Sant'Ana, tomou v. m. à sua conta a obrigação *cõmuã* [*sic*], não deste reino só, mas de toda [a] Espanha: e *assi* recolheu para si toda a glória que a toda esta província viera, se para tão devida obra se ajuntara. Bastante razão era esta para suas poesias serem dedicadas ao nome de v. m. e não conhecimento outro. Aceite-as, v. m. defenda-as, honre-as, que, se v. m. o fizer entre os estrangeiros, ele lhe pagara com honrar seu nome entre os estrangeiros e naturais. Porque a verdadeira pátria dos altos engenhos não é o lugar que conhecem por seu nascimento, é só o entendimento claro e perfeito, que sabe estimar as *cousas* grandes e levantadas. E, *assi*, o *emparo* que v. m. lhe der entre juízos pobres que

o perseguem, como estrangeiro, pagará com fazer invejado o nome de v. m. entre os ricos e excelentes que o estimam como natural. E bem é razão que, pois ele por meio de v. m. começa hoje a viver nova vida por glória de seus escritos, fique a memória de v. m. pelo seu, livre das leis da morte e do esquecimento, conforme a antiga e bem provada profecia poética. Por maneira que, se v. m. lhe for Aquiles entre aqueles, seja ele para v. m. Homero entre uns e outros. Nosso Senhor, a muito ilustre pessoa de v. m., guarde vida e casa acrescente como pode. De Lisboa, 27 de fevereiro de [15]95.

Beija as mãos de v. m.

Estêvão Lopes

4. Epigrama latino de Emanuel Sousa Coutinho (Frei Luís de Sousa) **[Fólio IV retro]**

In laudem Ludovici Camonii, Principis Poetarum **Emanuelis Sousæ Coutigni Epigramma**

Quod Maro sublimi, quod suavi Pindarus alto
Quod Sophocles, triste Naso quod ore canis.

Mæstitiam, casus, horrentia pralia, amores,
Juncta simul, cantu sed graviore damus.

Quis nam author? Camonius. Unde hic? Protulitillum
Lysia in Eous imperiosa plagas.

Unus tanta dedit? Dedit, e maior [...] daturus,
Ni celeri fato corriperetur, erat.

Ultimus hic choreis Musarum præsuit, illo
Plenior Aonidum est, nobiliora chorus.

Flos veteris, virtusa novæ fuit ille Camænæ,
Debita ivre sibi scepra poesis hebet.

In Lusitanos Heliconis culmina tractus
Transtulit, antra, Lyras,serta, fluenta, Deos.

Currere Castalios mostra de rupe liquores,
Iussit ab inuito prata virere solo.

Cerne per incultos Tempe meliora recessus,
Cerne satas sterili cespite veris opes.

Omnibus Occidit tibi ridente floribus horti:

[Fólio IV verso]

Non ego iam Listos credo, sed Elysios.

Orpheus atônitas dulci modulamine cautes,
Traxit et ab Stygios quallida monstra foro.

Tessalicos, Lodoice, sacro cum flumine montes,
Pieridiimg trahis, cælitiumg choros.

Sunt maiora tuæ Orphæis miracula vocis.
Attica, quid faceres, si tibi lingua foret?

Aliude jusdem

Ad dominum gondisaluum Coutignum

Nominibus gentis, donis, Coutigne, Minerva,
Nobilitatis bonos, Pieridumg decus.

Victa situ in tenebris Camonii Musa iacebat,
Quo nihil in toto grandius orbe sonat.

Per te squalentem cultum deponit et audet
Obsita lysiacæ plectra fe ire Lyre.

Ac velut Orpheo revocasti munere amicum,
Orpheus existet nominis ille tui.

Sic vos alterno viventis munere, et Orpheus
Alter erit Musæ, nominis alter erit.

5. Soneto de Luís Franco (provável proprietário do cancionero homônimo)

[Fólio V retro]

De Luís Franco,

Soneto

Sopra la polve, e l'ossa regnar morte

Potra, e ne imortal haver l'impero,
Et sepellir il nome al nuovo Homero,
Et negarli il sepolchro l'empia sorte.

Pero la fama del morir piu forte

Lo rese chiaro aluno, e altro Hemisphero,
U'regna Phebo, e ove il popol piu fiero
Habita Hircania, Scythia, e Caspie porte.

Di Gonzallo mercê gentil Coutigno,

Per Muse illustre, e arme, e avi illustri.
Ch'al Camões nella morte su Mecena.

Per cui Phenice egli rinace, e um cigno,

Per cui vivrà nel mondo mille lustri
La sua dolce, e altissona camena.

6. Sonetos de Diogo Bernardes, suprimido de suas *Obras* (Lisboa, 1594-1596)

[Fólio V verso]

Diogo Bernardes, em louvor de Luís de Camões

Soneto

Quem louvará Camões que ele não seja?

Quem não vê que cansa em vão engenho e arte:
Ele se louva a si só, em toda parte,
E toda parte, ele só enche d'inveja.

Quem juntos num *sprito* ver deseja

Quantos dons, entre mil, Febo reparte
(Quer ele de amor cante, quer de Marte)
Por mais não desejar, ele só veja.

Honrou a pátria em tudo: *imiga* sorte

A fez, com ele só, ser encolhida,
Em primeiro d'estender, dela, a memória.

Mas, se lhe foi Fortuna escassa em vida,

Não lhe pôde tirar, *despois* da morte,
Um rico *emparo* de sua fama e glória.

7. Errata da publicação

[Fólio VI retro]

Erratas

Na *oprovação*, onde está *nomen*, diga *numen*.

Na carta dedicatória, *significando*, significado.

No cabo, onde diz *profecia poética*, diga *doctrina poética*.

Fólio 001, soneto 02, verso 07: *namorados*, *magoados*.

Fólio 020, soneto 62, verso 06: *consigo*, diga *vencida*.

Fólio 046, ode 03, verso 02: *agravar-me*, diga *alegrar-me*.

Na mesma, *stança* 02, falta este verso: *Com tanta desventura*.

Fólio 077, *écloga* 01, *canção* 04, verso 01: *espessura*, diga *aspereza*.

Na mesma, *oitava* 02: *adordanos*, *adornados*.

Fólio 089, *écloga* 03: *gosto*, diga *gesto*.

Fólio 100, *écloga* 04, *canção* 01, verso 13: *amor*, diga *favor*.

Fólio 106, *écloga* 05, *stança* 08, verso 01: *Píndaro* diga *Píndaso*.

Fólio 119, *oitava* 04, verso 02: *Deus é do mar Proteu e focas guarda*, diga *Deus é do mar e Proteu focas guarda*.

Na mesma, verso 05: *que amor adoro*, diga *que o mar adora*.

8. Soneto de Francisco Lopes

[Fólio VI verso]

De Francisco Lopes, às obras de Luís de Camões

Soneto

Está o pintor famoso, atento e mudo,
Pintando e recebendo mil louvores,
Pelo que retratou de várias cores,
Com engenho sutil, vivo e agudo.

Quem é este que fala e pinta tudo:
O céu, a terra, o mar, o campo, as flores,
Aves e animais, ninfas, pastores,
Co divino pincel do grande estudo?

O príncipe será, do *gran* Parnaso,
Ou o grego excelente e soberano
Ou *Torcato* também, que em verso canta.

E se não é Virgílio, Homero ou Tasso
E é, como parece, lusitano,
É Luís de Camões, que o mundo espanta.

9. Soneto de Diego Taborda Leitão

[Fólio VII retro]

Ao autor, de Diego Taborda Leitão

Soneto

Spírito, que ao Empíreo céu voaste,
Das musas, cá na terra, tão chorado,
Quanto *milhor* terás já lá cantado,
Do muito que tão bem nos cá cantaste.

Pertiste de nós, sós nos deixaste,
A ser lá doutro lauro laureado,
Diferente daquele que te hão dado
Os que cá com teus versos tanto honraste.

Lá, hinos, odes, cantos mais suaves
Podes cantar na angélica hierarquia,
Onde essa voz de cisne mais se apura.

Nem te podem faltar matérias graves,
Em que ocupes melhor a fantasia,
Que enfim *a* [ou *o*?] de cá passa, *o* [ou *a*?] de lá dura.

10. Prólogo aos leitores, de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, identificado apenas em 1616

[Fólio VII verso]

Prólogo aos Leitores

Como este livro há de vir a mãos de muitos, e não é possível em todos ser igual a notícia das *cousas* que se requerem para entendimento dele, não pareceu pouco acertado advertir brevemente *algũas*, *assi* sobre o título e divisão da obra, como também sobre o autor dela, e, começando pelo título, esta palavra *rhythimas* [*sic*] (que os italianos e franceses pronunciam sem aspirações) descende de *ρυθμός*, vocábulo grego que quer dizer número ou harmonia, como declara Diomedes, gramático, e Nicolau Peroto, na *Cornucópia*, no comento do 4º epigrama. E, em ambas as significações, convém propriamente verso ao verso de medida italiana, porque, não somente consiste em certo número de sílabas, mas também na harmonia causada dos [*sic*] acentos e consoantes, como prova Benedetto Varchi no *Diálogo herculano*, na pergunta 9. Nem isto recebe dúvida porque geralmente o corpo de toda a sorte de poema se forma de número e harmonia, donde nasceu chamar-lhe, Possidônio estoico, *dicção numerosa*, que consta de medida certa, como refere Laertio²⁷ na vida de Zenão. Entanto que, sendo Sócrates avisado por um oráculo [que] seguiria alcançar a bem-aventurança [se] applicasse o ânimo à música, entendeu que satisfazia ao intento daquele aviso em se empregar todo em fazer versos por ser, a harmonia e números deles, parte da mesma música, como conta Célio Calcagnini²⁸ na oração

27 Diógenes Laércio, biografo de antigos filósofos gregos.

28 Ferrara, 17 de setembro de 1479 – 24 de abril de 1541.

que fez em louvor das artes, donde também procedeu a etimologia deste nome, *poeta*, que, conforme a opinião de Eustáquio, seguida por Rhodagino no livro 4, capítulo 4, se deriva de *ποιειμ*, que significa *εμμιτσοδ*, que quer dizer *cantar*, e o mesmo nome de *musa* significa *canto*, como afirma o mesmo Nicolau Peroto sobre o 5º epigrama e, por isso, Dante chamou, à poesia, ficção [?] retórica posta em música. E que o título de *Rhythmas* convenha a toda esta obra mostra-se também claramente por um discurso que faz o Cardeal Petro Bembo no livro 2º das prosas, onde diz que as *rhythmas*, ou *rimas* (como ele escreve), são de três maneiras, porque, ou são reguladas, ou livres, ou parte livres, parte reguladas. *Reguladas* se chamam aquelas que vão sempre atadas a *ũa* mesma regra, como são os tercetos, de que se crê ser inventor Dante, que antes dele não se acham feitos por outrem. E *assi* as oitavas

[Fólio VIII retro]

que inventaram os sicilianos, fazendo-as de *dous* consoantes até o cabo e, depois, foram reproduzidas, à melhor forma, pelos toscanos, acrescentando-lhe terceiro consoante nos *dous* versos últimos; e as sextinas, que foram enumeração dos provençais, especialmente de Arnaut Daniel. Rimas livres são aquelas que não guardam regra *algũa*, nem no número dos versos, nem na correspondência dos [*sic*] consoantes, como são os madrigais, derivados de *madra*, palavra toscana, por ser composição vilanesca, a que respondem os nossos vilancetes. Rimas, parte livres, parte reguladas, são as que, em *algũas cousas*, vão sujeitas à regra e, noutras, vão isentas dela, como são os sonetos e canções, porque os sonetos, ainda que no número dos versos e disposição deles, têm obrigação de seguir sempre *ũa* mesma regra, contudo, na correspondência dos consoantes, não têm obrigação certa, como mostra [Juan Diaz] Rengifo²⁹, na sua *Arte poética*, no capítulo 43, seguindo todavia a observação que, com muito engenho e juízo, advertiu Torquato Tasso no seu diálogo da poesia toscana;

29 Pseudônimo de Diego García de Rengifo.

e as canções têm a mesma natureza, como aponta o mesmo [Juan Diaz] Rengifo, no capítulo 59 e nos seguintes. E, com isso, temos satisfeito ao título.

Segue-se a divisão da obra, que vai repartida em cinco partes, porque o número quinquenário pertence particularmente a obras de poesia e eloquência, o que se vê claramente, porque, conforme a doutrina dos platônicos, era dedicado a Mercúrio e aos outros deuses que, no seu rito gentílico, eram padroeiros das artes, como escreve **Rhodagino**, livro 12, capítulo 10, e, a Mercúrio, tinham eles por divindade da eloquência e, por isto, lhe consagraram as línguas, como refere **Vincênsio Cartário** no livro das imagens dos deuses, sobre a imagem de Mercúrio e, sendo *assi* da eloquência, ficava também sendo da poesia pela *lança* que ambas, entre si, têm, conforme a definição de Dante e Posidônio. E, por isso, a quinta letra do alfabeto grego era dedicada a Apolo, como escreve Guilherme Onciaco no livro dos lugares numerais, capítulo 5, e as musas, posto que sejam nove, só a cinco delas tocava o ministério da poesia, porque à Clio se atribuiu o sujeito dela, presidindo a história; à Polímnia, o ornamento da linguagem; à Calíope, o verso heróico; a Melpômene, o trágico; Talia, o cômico conforme o epigrama vulgar que anda entre os de Virgílio. Seguindo, pois, esta divisão, se deu a primeira parte aos sonetos, por ser [*sic*] composição de mais merecimento, por causa das dificuldades dela, assim em não admitir *nenhũa* palavra ociosa nem de pouca

[Fólio VIII verso]

eficácia, como em haver de cercar toda a matéria dele dentro no limite de quatorze versos, fechando o último terceto de maneira que não fique, ao entendimento, desejo de passar avante, *cousa* em que muitos poetas, que andam nas asas da fama, tiveram pouca felicidade. A segunda parte, se deu às canções e odes, que respondem aos versos líricos, como mostra Fernando de Herrera no seu doutíssimo comento sobre a I. Canção de Garcilaso. A terceira, a elegias e oitavas, de que não achamos que usasse Petrarca, mas de ambas composições

usou *felicemente* Ariosto e por ventura que soube melhor imitar na graça e perfeição do verso elegíaco a Tibulo e Propértio, que são os príncipes desse gênero, que, na majestade do heroico, a Virgílio. A quarta, a éclogas, por ser espécie de composição em que se *requere* menos suficiêcia, e nele deixando Teócrito e Virgílio, teve particular excelência Sannazaro, como nas piscatórias, Bernardino Rota. A quinta e última parte, se deu às *grossas* e voltas, e outras composições de verso pequeno³⁰, que são próprias de nossa Espanha³¹, em que Gregório Silvestre se *aventajou* notavelmente entre todos os espanhóis³², e tivera o primeiro lugar, se Luís de Camões lho não ganhara, *assi* na agudeza dos conceitos e propriedade de palavras, como na habilidade de meter regras impossíveis [*sic*], que mostrou muito mais nas outras rimas, como logo diremos. E, continuando com ele (que é a terceira parte deste prólogo), é evidente temeridade querer louvá-lo, porque ainda que os outros poetas fossem particularmente abalisá-los em *algũa* perfeição especial, todavia, a uns, faltou a natureza, que lhes fizesse fácil a contextura do verso, lavrando-o com tanta aspereza e dificuldade, que parece que estão ali as palavras violentadas, e os conceitos encerrados nelas *per* força, e *assi* carecem de suavidade em que consiste a mesma poesia, conforme a doutrina de Fradastoro no seu diálogo intitulado *Naugerio*, tirada de Horácio e Quintiliano. Outros, que alcançaram ter mais natureza, ou por acertarem de ser pouco *felices* na eleição das palavras, ou por não terem cabedal com que ataviar a oração, *assi* da lindeza da linguagem, como de tropos e figuras sem as quais Cícero nem Virgílio nunca falaram, usam de uns termos tão humildes e vulgares, como se a natureza da poesia não consistira em ser levantada do uso comum de falar, conforme a opinião de Plutarco, no seu tratado de poética, e de Rodagino, no capítulo 4 do livro 4. Outros que se melhoram mais na linguagem não têm

30 Verso pequeno = medida velha: até a quarta parte, todas as composições são em medida nova, o que justifica a quantidade de menções a autores italianos, contemporâneos de Camões e de seu editor, registradas por este no presente prólogo.

31 Península Ibérica.

32 Ibéricos.

[Fólio IX retro]

nenhuma erudição com que ilustrem suas obras, sendo verdade, como diz Rodagino, no capítulo 2 do mesmo livro, que só aqueles se chamam poetas legítimos, que mostraram notícia de diversas ciências em suas obras, como Orfeu³³, Homero, Virgílio e Píndaro. E, pelo contrário, Luís de Camões está tão afastado de todos estes defeitos, que juntamente vemos nele natureza prontíssima para declarar seus pensamentos, acompanhada de *ũa* facilidade natural, que enche os seus versos de suavidade e, com ela, *ũa* linguagem tão pura e ornada de todos os lumes de elocução e tão *riqua* de conceitos³⁴ e diversas joias de todas as ciências, que parece que, nele, só ajuntou, a arte e a natureza, tudo o que convinha para subir ao mais alto da poesia. E, com ser excelente em toda a sorte de *rimas*³⁵ e, em especial, no verso pequeno, como já dissemos, muito mais o foi nas canções, onde guardou de maneira todas as leis delas, que nenhuma inveja pode ter a Petrarca, Bembo e Garcilaso, que, neste gênero, são os mais louvados, e o mesmo lugar têm na maior parte dos sonetos, e tivera em todos, se alguns que aqui vão impressos por seus não foram feitos sem cuidados, à importunação de amigos, onde acontece, muitas vezes, acudir mais à pressa com que os pedem, que a obrigação de os limar e, depois, sem vontade do autor, se publicam por seus³⁶ e outros, à volta disso, que o não são, como aqui aconteceu no soneto 19³⁷, que, *despois* do impresso, se soube que não era seu. Tratar do estilo heroico, não é deste lugar, porque quem comentar a sua *Lusíada*, terá este cuidado, mas o que, com razão, se pode afirmar-se que cumpriu nela, tanto à risca, as obrigações do poema épico, que, se não parecera arrogância, pudéramos dar-lhe assento muito perto de Virgílio,

33 É de se notar a convivência de um vulto mitológico com outros históricos.

34 *Conceitos* = *conteúdo* (conceptismo).

35 *Rhythmas*, no original.

36 Inserir comentário sobre Rui Dias da Câmara e “Sobre os rios”, presente na biografia de Pedro de Mariz.

37 Inserir soneto *Rh*, 19, com informações sobre ele extraídas de *CB*.

porque, na grandeza, gravidade e harmonia das palavras, na traça³⁸ e discurso da obra, na alteza do sujeito, seguiu *e[nc]ostado* nas pisadas de Virgílio e nas ficções alegóricas (sem as quais, não pode haver nenhum poema heroico, conforme a opinião de Aristóteles, referida por Rodagino no mesmo livro 4, capítulo 4. E, ao que escreve Plutarco, no lugar acima alegado, repreendendo e Empédocles, Parmênides, Nicandro e Teognides, por usurparem o povo de poetas, só com versos ricos de doutrina, mas desacompanhados de ficções), mostrou tão admirável engenho, que quase se igualou a Homero e oxalá pudera humilhar a grandeza dele em algumas das éclogas, conformando-se mais com o estilo bucólico

[Fólio IX verso]

e, posto que não faltam murmuradores que caluniaram suas obras, não escurece isso o merecimento delas, porque também Virgílio e Homero passaram por este *trance*, que é natural a todos os engenhos raros, entanto que, só de erros de Virgílio, compôs Carbilio Gramático um livro inteiro, e César Calígula ousou afirmar que nenhuma habilidade nem erudição tivera, e esteve determinado para mandar meter no fogo suas obras e retratos que havia em algumas livrarias, como contra Suetônio Tranquilo e Petro Crinito no livro 3 dos poetas latinos. E, com isso, não resta mais que lembrar que os erros que houver nesta impressão não passaram por alto a quem ajudou a compilar este livro, mas achou-se que era menos inconveniente irem *assi* como se acharam per conferência de alguns livros de mão, onde estas obras andavam espedaçadas, que não violar as composições alheias, sem certeza evidente de ser a emenda verdadeira, porque sempre aos bons entendimentos fica reservado julgarem que não são erros do autor, se não vícios do tempo e inadvertência de quem as trasladou. E, seguindo-se nisto o parecer de Augusto César, que,

38 Verbete Moraes (Lisboa, 1813) *traça*: s.f. [...] A planta ou desenho que o artífice faz da obra que há de executar; *v.g.* traça do edifício; fig. “na *traça* e discurso da obra” (fala da *Lusíada*, poema) Soropita a Camões [grifos do autor].

na comissão que deu a Vário e a Tuca para emendar[em] a *Eneida* de Virgílio, lhe[s] defendeu expressamente que nenhuma *cousa* mudassem nem acrescentassem, porque, em efeito, é confundir a substância dos versos e conceitos do autor com as palavras e invenção de quem as emenda, se ficar, ao diante, certeza se o que se lê é próprio, se emendado. E, por isso, se não buliu em mais que só naquilo que claramente constou se vício de pena, e o mais vai *assi* como se achou escrito, e muito diferente dou que houvera de ir, se Luís de Camões, em sua vida, o dera à impressão, mas *assi*, debaixo destas afrontas, que o tempo e ignorância lhe fizeram, resplandece tanto a luz de seus merecimentos, que basta para, neste gênero de poesia, não havermos inveja a nenhuma nação estrangeira.

Referências

- AGUIAR e SILVA, V.M. *Camões: labirintos e fascínios*. Lisboa: Cotovia, 1994.
- AZEVEDO FILHO, L. A. *Lírica de Camões – 1. história, metodologia, corpus*. Lisboa: INCM, 1985.
- BERARDINELLI, C. “Prefácio” *In: CAMÕES, L. Sonetos de Camões – corpus dos sonetos camonianos*. Edição e notas por Cleonice Serôa da Motta Berardinelli. Paris/Lisboa: Centre Culturel Portugais / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.
- BERARDINELLI, C. *Estudos camonianos*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Cátedra Padre António Vieira/ Instituto Camões, 2000.
- CAMÕES, L. de. Manuscrito apenso ao exemplar Cam-10-P da Biblioteca Nacional de Lisboa. (fac-símile) *In: PEREIRA FILHO, E. As rimas de Camões*. Rio de Janeiro: José Aguilar / Brasília: INL, 1974.
- CAMÕES, L. *Rhythmas: divididas em cinco partes*. Lisboa: Manoel de Lyra à custa de Estevão Lopes, 1595.
- CAMÕES, L. *Rimas – segunda parte*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, à custa de Domingos Fernandez, 1616.
- CAMÕES, L. *Rimas*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, à custa de Estevão Lopes, 1598.
- CANTO, J. do. *Coleção camoniana: tentativa de um catálogo metódico e remissivo*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1895.
- LOURENÇO, E. *O canto do signo*. Lisboa: Presença, 1994.
- PEREIRA FILHO, E. *As rimas de Camões (Cancioneiro de ISM & Comentários)*. Fac-símile, Lição dos manuscritos e Comentários por Emmanuel Pereira Filho. Edição preparada e organizada por Edwaldo Cafezeiro e Ronaldo Menegaz. Rio de Janeiro: José Aguilar / Brasília: INL, 1974.

SENA, J. *Os sonetos de Camões e o soneto quinhentista peninsular*. Lisboa: Edições 70, 1981.

SENA, J. *Trinta anos de Camões 1948-1978: estudos camonianos e correlatos*. (2 volumes). Lisboa: Edições 70, 1980.

SOROPITA, F. R. L. “Prólogo aos Leitores”. In: CAMÕES, L. *Rhythmas: divididas em cinco partes*. Lisboa: Manoel de Lyra à custa de Estevão Lopes, 1595.

Sobre o autor

Professor Associado de Literatura Portuguesa do Curso de Letras da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), é Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo (FACHA, 1994), Mestre e Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio, 1998 e 2004), foi Editor Executivo da UEA Edições de julho de 2014 a 2015. Professor Substituto de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2004-2005 e 2008-2009). Pesquisador de Pós-Doutorado do CNPq (2006-2007 e 2007-2008) e da Fundação Calouste Gulbenkian (2009-2010) na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FL-UFRJ, 2006 a 2010). Autor de *Investigações camonianas 1998-2008* e de *Ao longo da ribeira: estudos de Literatura Portuguesa 2000-2010* (ambos, Manaus: UEA Edições, 2012 e 2015 – segundas edições revistas, 2022), organizou, com Helder Macedo, *Obras de Bernardim Ribeiro* (Lisboa: Presença, 2010), com Cleonice Berardinelli, edição de *Mensagem* de Fernando Pessoa, com Jorge Fernandes da Silveira, antologia *19 Recantos e Outros Poemas* de Luiza Neto Jorge (ambos, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008). Publicou o volume de poemas *Aquém das retinas* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006), agraciado, em 2000, com a Bolsa para Escritores com Obras em Fase de Conclusão concedida pela Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

título O entendimento de meus versos:
sonetos atribuídos a Luís de Camões
entre 1595 e 1616

autor Mauricio Matos

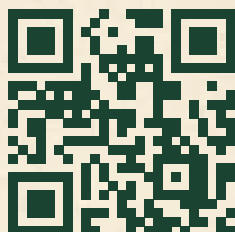
tipografias Eskorte Latin
Times New Roman
Trajan Pro 3

número de páginas 180

Novembro de dois mil e vinte e três, quatrocentos e cinquenta e um anos
desde a publicação *Os Luisíadas*, de Luís de Camões.



para conhecer mais da *editora*UEA e de nossas publicações,
acesse o qr code abaixo



ueaeditora





editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO